

ARTIGOS DISPERSOS:

- Arte, Educação e
Sociedade -

Por... Francisco Capelo

Página de Copyrights

Todos os artigos são de minha inteira e exclusiva autoria e responsabilidade.

Os meus livros encontram-se disponíveis para encomenda no site:

<http://www.lulu.com/capelo>

O meu Email: lsalpico@hotmail.com

O meu website: www.franciscocapelo.com

Índice

I – ARTE MODERNA – PÁG. 1

1. Forma de interpretação do sonho na arte –
pág. **2**
2. A Arte contra a Estética - pág. **6**
3. O Tempo do Tempo de cada génio - pág. **9**
4. A influente Escola Bauhaus - pág. **11**
5. Teoria da Arte - pág. **15**
6. Arte Conceptual - pág. **17**
7. O “nome” de um artista: os críticos e
galeristas - pág. **20**
8. nadir Afonso - pag. **24**
9. Francis Bacon - pág. **26**
10. A Memória da Alma Bruta - pág. **27**
11. A verdade sobre o surrealismo - pág. **29**
12. O que significa o abstracto - pág. **32**
13. Perspectiva histórica da Arte Moderna -
pág. **34**
14. Carta aberta a Paula Rego - pág. **41**

II – EDUCAÇÃO – PÁG. 44

1. A Farsa da Educação - pág. **45**
2. Carta Aberta ao Ministro da Educação - pág. **48**
3. A Universidade enquanto medida da Sociedade - pág. **52**
4. Educação: os 4 elementos - pág. **55**

III – MASS MEDIA - PÁG. 60

1. Andy Warhol e Marshall McLuhan - pág. **61**
2. A Teoria da Indiferença de Tony Soprano - pág. **63**
3. A função educativa dos mass media - pág. **66**

IV – TERRORISMO – PÁG. 69

1. O Profeta da Destruição e o Texas Boy – pág. **70**
2. De Miles Davis a Ben Ladin - pág. **73**

V - XAMANISMO- PÁG. 77

1. A um Deus desconhecido - pág. **78**
2. Enquanto Freud dormia: a moda da esquizofrenia - pág. **80**

VI – OUTROS TEMAS – PÁG. 85

1. A vida do homem enquanto representação da realidade - pág. **86**
2. A verdadeira origem do conhecimento e da criatividade – pág. **88**
3. O artesanato e a indústria: o debate adiado - pág. **91**
4. Porque razão Stephen Hawking se engana e NOS engana ? - pag. **94**
5. Atravessar na diagonal as passadeiras - pág. **98**
6. A fobia à autoridade - pág. **101**
7. Pessoas à nossa frente nas escadas rolantes que não nos deixam passar – pág. **104**
8. Cuspir para o chão - pág. **107**
9. Ter vários telemóveis - pag. **110**
10. Tossir em concetiros de música clássica - pág. **113**

11. Passar na estrada lentamente, como se houvesse alguma prioridade invisível - pág. **116**
12. Acelerar quando algum carro quer fazer uma manobra – pág. **119**
13. Ir ao café/ o café português - pág. **121**
14. Desprezo pelos políticos - pag. **124**
15. Não se é profeta na sua própria terra - pág. **128**
16. Estudar apenas na véspera dos Exames - pág. **131**
17. Artigo sobre Distúrbios Alimentares - pág. **133**

Dedicatória

Dedico este livro a uma professora muito especial, que me disse certa vez o seguinte:

“Francisco, és o melhor aluno que já tive, e certamente, o melhor que alguma vez terei até ao fim da minha vida”

Agradeço a essa grande alma, que me fez ver para além da escuridão que a adolescência é para quase todas as pessoas.

I - ARTE MODERNA

1. Forma de interpretação do sonho na arte

Creio que há contributos importantes que a Teoria Freudiana pode dar à interpretação dos sonhos, mas a interpretação dos sonhos na arte lida com materiais bem diferentes: Kandinsky e Klee tentaram decifrar alguns aspectos neste complexo assunto, mas foram demasiado teóricos e dedicaram-se quase exclusivamente a aspectos formais: linha, cor, formas geométricas,... enfim, a forma não é o conteúdo, assim como os meios não são o fim, e o fim, ou seja, a finalidade, essa, continua por explicar.

Por que razão o homem primitivo pintava nas paredes das grutas? Para exprimir:

- O seu medo perante uma natureza que ainda não sabia nomear? (a Linguagem, sempre a Linguagem a emperrar a relação homem-natureza... já aqui!)
- Uma forma de exorcizar as suas ideias de transcendência e receios de afrontar o divino durante a caça, ao tirar a vida a outros seres?
- Uma forma de se eternizar perante o futuro, perante a humanidade? Um "estou aqui!"?
- Um meio primitivo de comunicação - pela - comunicação? (o conceito da arte pela arte andava perto...)

Por que razão o ser humano moderno continua a ter necessidade de se exprimir pelo desenho e pintura? É a pintura:

- Uma reprodução (ou tentativa de reprodução) da realidade?
- Uma mentalização da visibilidade do real, ou seja, "a minha realidade, ou o que eu quero que a realidade seja"? (já nos aproximamos da arte e das ideias dos artistas mais radicais, neste conceito)
- Um misto dos dois conceitos anteriores?
- Ou... algo de inteiramente novo? (será possível? E como saberemos que esse tal de "completamente novo" é válido realmente, sem o compararmos com o que já existe, ou seja, se não compararmos as suas características com outras organicamente idênticas na outra realidade, esta sim real...?)

Parece-me, portanto, que os sonhos dos seres humanos na arte podem ser explicados tendo em conta estes factores:

- Ideia original;
- Limitações dos materiais (com que se pinta e em que suportes se pinta)
- Caminho a que a imagem – seja esta originalmente abstracta ou figurativa – poderá ser conduzida pelas limitações dos materiais;
- Ideias de contexto social, quer sobre a arte (e pintura, em particular), quer sobre todos os

comportamentos/ objectos/ movimentos políticos, económicos, religiosos, etc, que influenciam a forma como se pinta;

- E sobretudo, do conceito que o ser humano tem e faz - continuamente renovado e renovável - sobre si próprio: o homem pinta o que é, e o que sente à sua volta.

Não concordo, portanto, que a Teoria Freudiana se deva instalar de -armas - e - bagagens na interpretação da arte: tal como no meu anterior livro - Arte e Sociedade, em que abordava o tema do Objectualismo e da evolução da comunicação da sociedade através de uma abordagem inovadora à Sociologia / Semiologia / Arte - , defendo que a arte deve desenvolver dentro de si própria os códigos que permitem interpretar-se a si mesma, tendo em conta, tal como já referi anteriormente, o contexto social e psicológico de cada um, quando faz arte.

Gostaria de acabar esta introdução com a seguinte reflexão:

Para a Teoria Freudiana ter verdadeira importância na interpretação do sonho na arte é necessário:

- a) Que essa pessoa a conheça
- b) Que essa pessoa esteja consciente, ao elaborar a imagem, dessa teoria

c) Por fim, que essa pessoa lhe reconheça importância na interpretação da imagem que criou, através de uma análise posterior e minimamente objectiva

Ora parece-me que são demasiados ses... não acham?

2. A Arte contra a Estética

Foi Antoni Tàpies quem o disse: “A Arte contra a Estética”; um livro da autoria do mago da arte Catalão, veio reavivar o debate, e colocar em rota de colisão estes dois conceitos que muitos juravam inseparáveis.

Terá razão Tàpies?

Bom, a História da Arte diz-nos que TODOS os artistas, sem excepção, têm razão antes do tempo...

Discutamos então a obra e o pensamento deste Mestre incontestável (embora polémico) da segunda metade do Século XX.

Tàpies defende com unhas e dentes uma visão em profundidade do que deve ser a arte, e esta visão, ligada ao primitivismo, à pintura matéria, ao informalismo europeu, tornou-se tão “violentamente” abstracta que afronta os conceitos tradicionais da “estética”, como se estes fossem verdadeiros “alvos a abater”.

A arte contra a estética faz, então, todo o sentido.

Após o futurismo e o dadaísmo, após o expressionismo abstracto e a arte pobre, após esse erro histórico e artístico chamado Arte Pop, Tàpies volta a lançar os dados e a atirar-nos de encontro à realidade mais simples das coisas, não evitando a polémica: arte não é estética; mais, arte é algo que contém valores intrinsecamente anti-estéticos !

Para quem julga que Mozart é superior a Beethoven porque tem uma orquestra mais afinadinha, Tàpies esclarece: a técnica não significa NADA, em arte.

Para quem diz que a arte clássica é superior à arte moderna, Tàpies responde: são conceitos diferentes.

A cultura versus a contra- cultura...

Estou à vontade para falar da obra deste génio universal, pois durante demasiados anos não a compreendi; e foram precisos muitos meses de aproximação desconfiada e, logo após, de estudo interior atento, para conseguir penetrar no mistério da sua excepcionalmente ambígua e simbólica pintura.

Para apreciar Tàpies é necessário colocarmos o nosso coração à escuta de novas emoções, sentir tudo de novo através, tanto da meditação, como da concentração; é uma experiência humana de características mentais únicas.

Cada nova pintura do mestre é uma lição. Uma lição de um mestre da arte, de um mestre - do - budismo - zen - não - “encartado”, de um mestre do pensamento, de um mestre, afinal, da VIDA.

A sua postura frontal, politicamente incorrectíssima, artisticamente provocadora (para o sistema económico indefensável criado pelas galerias de arte moderna) é - nos hoje

essencial para uma compreensão cabal do que é um Ser Humano.

Tàpies, mestre da vida, do andar, da respiração, tem ainda todo o mundo para conquistar, sonhando de novo o Tempo, em seu olhar.

3. O Tempo do Tempo de cada génio

Quando Van Gogh, na sua infinita bondade e saudade de um passado que nunca foi verdadeiramente vivido, quis unir a sua torrencial demência criativa a outro génio de igual estirpe- Gauguin, algo de terrível aconteceu.

De génios e de loucos todos temos um pouco. Van Gogh e Gauguin tinham muito, e não pouco, quer de génio, quer de algo que se confunde através dos tempos com a loucura, mas que se torna, com o desvanecer da névoa da mortalidade e sobretudo da eterna inveja tão tipicamente humana, em autêntica mestria psicológica.

Os críticos de arte - sempre ostensivamente ignorantes das reais razões que movem os artistas - trataram logo de culpar Gauguin pelo suicídio e extrema debilidade mental a que Van Gogh chegou.

Será isto sério?

Será isto a verdade do que se passou?

Na hoje mítica e ridiculamente endeusada "casa amarela", um ser com uma alma do tamanho do mundo mudou a história da pintura, da arte, entrou pelo Impressionismo adentro e transformou-o em Expressionismo, arrastando consigo um turbilhão de emoções descontínuas e de intensidade que qualquer humano desconhecia e desconhece, até hoje, seja esse

humano o Zé da esquina ou o Excelentíssimo Sr. Dr. António Damásio (por quem nutro enorme respeito, aliás).

Cada génio tem o seu próprio Tempo de sentir, de existir, de sofrer, amar e morrer.

Gauguin tinha o seu, e não deixou nunca que Van Gogh pudesse intervir nessa área.

Será correcto, justo, criticar, atacar Gauguin, agora?

Cada um tem o seu Tempo.

E será a Natureza, e as suas forças abstractas - e não Deus, como muitos afirmam - , a decidir o que foi justo, nesta vida que se esvai como areia por entre os dedos.

A Arte, essa, nunca morre.

Mesmo que nunca tenha existido, mesmo que apenas assista ao que ainda não é nascido.

Amo Van Gogh porque ele me amou também.

E respeito Gauguin, pois ele amou as trevas e as forças obscuras, de que o mundo é feito.

Seja feita (alguma) justiça através destas poucas palavras a dois monstros sagrados da pintura, da arte, da vida e da morte.

Tenho dito.

4. A influente Escola Bauhaus

Para se compreender o enquadramento da comunidade artística da 1ª metade do Século XX deve referir-se a mítica Escola Bauhaus, encerrada em 1933 pelo regime nacional-socialista de Adolf Hitler:

" A Bauhaus foi a primeira escola democrática do mundo, não só por se basear no princípio da colaboração, da investigação em comum entre professores e alunos, mas porque a sua fé no progresso, numa sociedade funcional e não hierárquica (e nisto consiste a democracia) prefigurava, na sua própria organização, a estrutura da sociedade democrática do futuro. Para Gropius e seus colaboradores, viver civilizadamente significava viver racionalmente, questionando e resolvendo todos os problemas em termos dialécticos. (...) Por isto , os homens da Bauhaus chegaram à conclusão de que a forma dos objectos e dos edifícios que desenhavam devia ser determinada pela sua função. (...) A perseguição e a acusação de " arte degenerada " que o regime de Hitler lançou sobre a vanguarda artística não foi a única causa do declínio do factor racional na arte contemporânea (...), uma vez que havia algum tempo que outros artistas de vanguarda vinham reivindicando os direitos da intuição na arte e

lutavam contra o racionalismo da abstracção geométrica. "

in Arte abstracta e Arte figurativa , Salvat
Editora

Devo ainda referir, nesta matéria, dois artistas plásticos e teóricos de excepção que leccionaram na Bauhaus : Wassily Kandinsky e Paul Klee .

O primeiro é o criador oficial da Arte Abstracta Ocidental e as suas obras escritas são a Bíblia da sensibilidade cromática, enquanto que o segundo foi talvez o maior inventor de linguagens gráficas do nosso século , e a simplicidade/ complexidade do seu raciocínio é uma fonte inesgotável de ensinamentos .

A Bauhaus é, a vários títulos, um marco na História das Artes Visuais.

Em alguns anos criou um verdadeiro mito, tendo contribuído para a aceitação e racionalização da loucura típica do temperamento dos artistas, algo que tornava finalmente possível a utilização da criatividade na construção do mundo envolvente:

- . Pintura
- . Artes Gráficas
- . Arquitectura
- . Publicidade
- . Design de Interiores

Foi muito difícil compatibilizar a genialidade dos seus talentos mais transbordantes, e as vertentes racionalista (arquitectura) e imaginativa (pintura, sobretudo), mas a importância do todo impôs-se a tudo o resto, e criaram-se laços de amizade genuínos entre os artistas que a compunham.

Artistas tão essenciais à Arte Moderna quanto Klee e Kandinsky (que, diga-se em abono da verdade, ainda viviam economicamente dependentes das respectivas famílias - o que é inconcebível, ainda hoje), tiveram a sua oportunidade de ouro de dignificar a sua existência com um salário que TODA a humanidade lhes devia, enquanto génios absolutos de uma arte abstracta ainda a dar os primeiros passos.

Muito há a dizer sobre a excessiva racionalização da “arquitectura bauhaus”. E muito há a dizer, sobretudo pela negativa. Deve criticar-se a falta de imaginação, a monotonia visual que afecta hoje milhões de pessoas em subúrbios lotados de betão, sem alma, idênticos aos dos vizinhos, feitos para racionalizar recursos e não para permitir a respiração directa da vida. Fica como uma nódoa do legado bauhaus, esta tentativa óbvia de aplicação de conceitos das artes gráficas à arquitectura, e que influenciou de forma tão ignóbil a arquitectura contemporânea.

A nível da teoria da pintura, dos conceitos fundamentais e elementos mínimos do grafismo, as obras Ponto e Linha sobre Plano, Do Espiritual na Arte e Esboços Pedagógicos, deram um novo impulso à pedagogia através da arte, essencial na época para estabelecer as bases teóricas do abstracto, e compreender a sua lógica interna.

A Bauhaus é provavelmente o exemplo mais genuíno da democracia pedagógica, e tentar construir uma sociedade baseada apenas em conceitos económicos não é opção, até porque os políticos já reconhecem a importância fulcral da Educação no todo social (apesar da hipocrisia que reina neste meio, fruto da promiscuidade entre a política e o mundo universitário). Mas esse será o tema para um futuro artigo.

5. Teoria da Arte

O Cubismo de Pablo Picasso (desenvolvimento de uma teoria da última fase de Paul Cézanne: "A natureza deve ver-se através do cubo, da esfera, do cilindro...") - 1910

O nascimento da Arte Abstracta (1ª aguarela conscientemente abstracta de Kandinsky - 1910)

O Expressionismo e a valorização da Arte Bruta (Jean Dubuffet) - Arte das Crianças e Arte dos loucos

O pós- 1ª Guerra Mundial: Dadaísmo (um grupo de artistas rebeldes fez tábua rasa de tudo o que era artístico e burguês) - mais tarde alguns elementos transferiram-se para o Surrealismo.

Neste momento já não é possível a criação de movimentos artísticos que sejam completamente novos, uma vez que a arte avançou muitíssimo no Século XX: é apenas possível o aperfeiçoamento de facetas particulares da arte: Hiper- Realismo, Novo Realismo, Tachismo, Visionismo, etc.

Já não faz sentido uma pessoa partir do desenho de modelo/ nu, passando pela paisagem, pastel seco, depois ao óleo sobre tela: esta é uma visão antiquada da expressão artística.

O domínio dos materiais e das técnicas não é o mais importante, o que faz a diferença na arte é a criatividade e o sonho. É também essencial ter cultura visual, ver e saber interpretar as obras

dos artistas plásticos mais importantes, e saber integrar esses símbolos visuais no contexto social, psicológico e cultural da época em que o artista viveu.

Warhol disse-nos que todos podiam criar obras de arte: no entanto equivocou-se ao pintar apenas obras de famosos em série: a arte é única, e tem a sua origem naquilo que Kandinsky chamava de Necessidade Interior, algo que Warhol conscientemente desprezava, para poder ter mais lucro monetário.

6. Arte Conceptual

Na minha opinião a Arte Conceptual deixou-se ofuscar pelo aparente brilho das suas "descobertas", não levando as suas conclusões muito mais além do que a Semiologia já tinha encontrado; será que a "Ciência" venceu a Arte, neste domínio?

Penso que se deverá ir buscar aos pioneiros da Arte Conceptual- Duchamp e Beuys (a escolha destes autores é polémica, eu sei...), as pistas que estes deixaram e trabalhar-se a partir dessa matéria prima, para levar a Arte Conceptual a conclusões mais avançadas, que inclusivamente surpreendam o mundo científico.

Não me agradam, portanto, as instalações que se fazem, às dúzias, "protegidas" pelo manto da incomunicabilidade permitida por uma parte arrogante da Arte Conceptual, apadrinhada por críticos de arte ambiciosos e galerias dispostas a tudo para enriquecerem.

As pessoas têm de aprender de uma vez por todas que a arte tem de ser algo de ESSENCIAL, e não algo de BONITO (veja-se a obra de Bacon e de Tàpies, por exemplo).

Se alguém quiser algo de bonito sugiro que se dirija a uma loja de decoração, se alguém quiser algo de essencial que se dirija ao atelier de um BOM pintor, que é onde a arte acontece no dia a dia.

Eu não vejo o mundo com uma arte invisível, mas vejo-o sim com uma arte que apenas possa ser pensada e discutida, e não seja obrigada a existir para se "explicar" a si mesma e ao objectivo de sua existência.

Quanto ao facto de a Arte Conceptual fazer Arte- sobre- Arte já feita, penso que todos os artistas e movimentos o fazem um pouco.

A questão não é a de saber quem a faz ou não, pois todos o fazem: o principal é saber quem a faz bem, ou seja, quais os artistas sérios que levam o seu trabalho a sério e investigam, tanto o acto criativo de forma teórica, como o praticam, fazendo obras belas e essenciais ao mesmo tempo ("A arte contra a estética", de Tàpies está sempre presente no meu espírito).

Quanto à questão: se estudar semiologia estará ainda no campo da arte, eu devo dizer algo que é capaz- ou não- de surpreender:

É a Arte que engloba o nosso Código Linguístico, e não o contrário.

Ou seja, as regras que devem reger a "fabricação" diária do que apelidamos erradamente de Linguagem são as mesmas que nos levam a fazer belas e eternas obras de Arte: é por isso que a letra- e não o monema/ morfema- é a unidade mínima de significação da "Linguagem", além de unidade mínima

formal, e isto porque a letra é uma evolução ancestral de vários símbolos, como nos ensina Julia Kristeva no seu livro "História da Linguagem".

Estes factos já o sabem os profissionais de Psicologia ("Inconsciente Colectivo"- Jung), Pintura/ Arte (Beuys e Tàpies), Espíritas, Iniciados, Poetas e etc etc etc.

O objectivo primordial do nosso arcaico Código Linguístico é: COMUNICAÇÃO

O objectivo essencial da Arte? - É exactamente o mesmo...

Logo, é através de um estudo aprofundado da Arte Conceptual que os dois campos se irão unir num futuro não muito longínquo.

7. O "nome" de um artista: os críticos e galeristas

Afirmam as galerias de arte- e aos quatro ventos o fazem- que são elas que "impõem" o nome do artista no mercado de arte.

Será esta falácia verdadeira?

Vejamos:

- Apesar de serem apenas intermediários, os galeristas arrogam-se o direito de decisão sobre quem e o quê é exposto nos seus espaços, ou seja, impõem ou destroem a "dignidade visível" de determinados artistas, assim se decidindo o seu futuro no mercado (depois chamem-lhe sorte...);

- As percentagens que levam sobre o produto final são clara e abusivamente elevadas, para os serviços que efectivamente (não) prestam aos artistas ("se queres um catálogo em condições fá-lo tu!");

- Os preços atribuídos às obras de arte são encontrados "a olho", de acordo com as dimensões, materiais, e raramente têm que ver com a temática/ conteúdo das mesmas, sendo exagerados quando... o artista "já tem nome"!!!;

- Raramente as galerias apostam em novos artistas, têm uma estrutura muito pesada e arriscam pouco ou nada;
- "Subornam" inúmeras vezes críticos de arte da nossa praça para terem boas críticas em jornais de grande tiragem;
- Recusam-se a elaborar uma "biografia" de influências intelectuais, temas mais recorrentes na obra do artista, etc etc etc: o passado não interessa, é preciso que a arte seja fast-food: ou se vende ou até logo e passe bem!

Ora digam-me lá se isto é "fazer um nome"!

É imperioso desmistificar todas estas ideias feitas que poluem a liberdade criativa dos artistas.

Os críticos e as galerias, de facto, tornaram-se o centro das atenções, ao invés do real papel que têm de elo de ligação artista- público: exorbitam as suas funções, chamando a si- e ao negócio sujo do bas-fond do mundo da arte- a "dignidade visível" daquilo que querem impôr nesse mesmo mundo.

Ou seja, apenas existe aquilo que elas querem que exista, de um modo visível.

Não será esta a forma suprema de terrorismo intelectual dos dias de hoje, ainda mais do que a

poluição visual da publicidade nas grandes cidades?

- Se o trabalho dos galeristas e críticos é assim tão profissional, onde estavam as galerias quando Van Gogh se suicidou? E onde estavam quando Gauguin morreu, completamente esquecido pela civilização ocidental? E onde estavam quando Modigliani destruiu a sua saúde e sanidade mental?

Não me venham agora dizer que isso já lá vai, que são águas passadas, que são apenas exemplos históricos: nada disso!

Poderiam existir hoje 100 Van Goghs, ou 200, ou 1000, que os críticos e as galerias não o iriam promover se não tivessem a certeza do LUCRO, essa praga que continuará a afectar as relações arte-comércio.

Não são questões menores, pois até Tàpies - um artista com A grande e um nó na garganta para muitos críticos de arte bem pensantes- refere esta situação como algo de extremamente negativo.

Entre a arte e comércio não se pode ter sequer o "pecado" da hesitação.

- Porque razão a arte geométrica abstracta é tão querida pelas galerias, em detrimento de uma

pintura mais expressiva? (as pessoas costumam dizer: eu também fazia isto!- E as pessoas têm razão, na maioria dos casos, pois não é possível tapar o sol com a peneira da pseudo-intelectualidade das galerias!)

Penso que todos conhecemos exemplos gritantes de falta de qualidade, quer de obras quer de artistas que "exibem" a sua mediocridade em pretensas "galerias de superior qualidade": o problema não está em eles existirem, mas sim em não denunciarmos esses factos que tanto contribuem para o marasmo da vida artística nacional.

8. nadir afonso

Assisti ontem, no programa Acontece, ao mais subversivo (no mau sentido) espectáculo contra a arte desenvolvido por uma pessoa que se diz artista: nadir afonso de seu nome.

nadir afonso é um arquitecto- pintor, e nunca foi um verdadeiro pintor, na acepção mais pura do termo: começa a subversão por aí.

Esta ave rara da arte portuguesa, endeusado por alguns, lançou agora um livro que pretensamente corrige (meu Deus, tanta ingratidão... - ou será apenas ignorância atrevida?) alguns pormenores de pinturas de ... sim, é verdade- Van Gogh!!!

E mais: na patética mini- entrevista que deu ao referido programa, ele tenta explicar os quadros ultra- expressionistas de Van Gogh através de... fórmulas matemáticas!!!!!!!

É preciso estar realmente louco... ou ser totalmente descrente no poder expressivo da arte.

Nesse blasfemo livrito, ele ainda faz mais para desacreditar a arte: coloca imagens de pinturas de Van Gogh lado a lado com outras imagens das mesmas pinturas com ... as suas correcções!!!

Pinceladas sem alma, sem chama, sem espírito,
sem o "sangue quente" da loucura de Van Gogh!
Digam-me lá se o tipo não merecia uns belos
açoites?

Pronto, já está velhote, ok: e que tal uns puxões
de orelhas?

Gostaria de saber se há mais alguém aqui que
tenha visto esse programa e se conseguiu dormir
descansado nessa noite...

9. Francis Bacon

"Penso que Poussin fez o melhor grito em pintura"- Francis Bacon.

Vélasquez: O retrato do Papa Inocêncio IX (salvo erro) foi um dos que mais o influenciou. Ele também foi influenciado pelo cinema de Eisenstein e pelas fotografias de Muybridge. Quanto ao Surrealismo, Francis Bacon foi rechaçado pelo movimento Surrealista, numa 1ª fase (não o deixaram participar numa exposição surrealista pois diziam que ele não era surrealista, etc, foi qualquer coisa assim).

É bom que digamos o seguinte, para esclarecer as pessoas mais ofuscadas com o brilho efêmero da glória artística póstuma:

Francis Bacon foi sempre uma figura marginal: marginal no seu tempo, marginal na sua própria família, marginal por ser homossexual, marginal pela sua pintura, marginal no seio dos surrealistas e dos outros movimentos artísticos. É, portanto, fácil gostar dele agora: mas quem o apoiou no início? As pinturas mais agressivas tornam-se moda conforme o tempo passa- e Bacon é exemplo disso mesmo.

10. A Memória da Alma Bruta

Quando Jean Dubuffet declarou que ele próprio era o único pintor do mundo a pintar como todo o mundo, os críticos exultaram e escarneceram da sua pintura “infantil”, considerando-a, mais uma vez, inútil para a sociedade, e até perigosa (...!!!).

No entanto, como todos os artistas de profundidade autêntica do Século XX, a obra deste criador torrencial tornou-se uma lição a médio prazo.

A sua Arte Bruta é um pedaço de lama atirada à cara do comércio e exteriorização mediática fácil que se instalou no mundo das Galerias de arte moderna.

De facto, não só ela defende valores essenciais de humanismo óbvio mas totalmente esquecido (a valorização da arte das crianças e dos loucos como algo de extremamente pedagógico a nível sociológico e até cultural), como também se tornou a cartilha de vários movimentos das artes após a sua criação.

A Arte Pobre, alguma Arte conceptual, a Arte Naif, e até o Expressionismo Abstracto devem algo do seu espírito revolucionário e artisticamente inovador ao exemplo deste artista.

Jean Dubuffet não gostava das palavras. Não gostava da cultura com C grande, praticado pelas elites burguesas, elites essas que consideravam uns, loucos (e os metiam em asilos, esses sim, ambientes de loucura verdadeira), e alguns desses outros, os bens falantes, os endinheirados- visionários.

A cultura com C grande, essa, sempre escarneceu do reinado económico vivido numa sociedade ainda órfã de reais valores éticos, e descendente da Revolução Industrial de tão má memória para os mais pobres...

Fazem falta Homens como Dubuffet, como Rimbaud, como Artaud, criadores da alma e não somente fazedores de bens materiais. Agitadores de bens bem mais profundos e autênticos, que pertencem a toda a comunidade, e a unem, naquilo que o ser humano tem de aparentemente múltiplo e divergente.

Isto, sim, é Poesia Visual...

11. A verdade sobre o surrealismo

André Breton sempre se reclamou de demasiadas coisas. Dali sempre se reclamou de outras tantas coisas.

Quem tinha razão ?

Afinal, quem foi o verdadeiro “motor” do Surrealismo internacional ?

As zangas de Breton e Bunuel com Dali são lendárias: Dali, o extremista, Dali, o surrealista mais surrealista do que todos os surrealistas juntos (“A diferença entre eu e os surrealistas é que eu sou surrealista...!”), Dali o monárquico anarca, Dali, o artista das ideias de ruptura, tão perigosas como o mais baço burguês...

Breton, o “pai” do Surrealismo, enquanto movimento organizado, criador da teoria, viu-se a braços com um problema muito real e não apenas teórico: Dali era um artista genial, e como todos os artistas geniais, incontrollável e inclassificável.

Para cada regra mental que Breton criava, Dali arranjava logo uma forma de a contornar e subverter (mas ... não será isto o surrealismo?).

As críticas de Breton para desqualificar Dali enquanto autêntico criador de surrealismo são ridículas:

- . Opção política (posição de direita, em vez da esquerda militante dos surrealistas “normais”)
- . Repetição temática nas suas obras (todos os artistas o fazem, chama-se a isso ter um “estilo” próprio... apenas quem vem de letras e não é pintor poderá achar este um argumento válido...)

Estas críticas são sobretudo pessoais, mas isso, Breton nunca o poderia dizer, senão elas cairiam pela base.

Todos os artistas têm as suas razões para fazer o que fazem, e trabalham segundo a ideia de Necessidade Interior (conceito estabelecido por Wassily Kandinsky no início do Século XX).

Muito paciente foi Dali. Com Breton, com os surrealistas que contribuíram para esta mentira de “normalização” colectiva - que havia de levar o Surrealismo ao descrédito a nível internacional.

Mas também com Bunuel, que se aproveitou de muitas ideias de Dali e não lhe deu esses créditos, nos filmes que fez da sua fase mais inovadora (“L’Age d’Or”, “Un chien andalou”).

A verdade da arte, essa, é Dali quem a reserva para si.

Quanto a Breton, acabou os seus dias tentando convencer Miró, Klee, Matta e tantos outros a aceitarem o “rótulo de surrealistas”, quando eles próprios não se consideravam totalmente pertencentes a esse estilo artístico.

A demasiada racionalização e organização deste movimento foi a sua ruína, pois o pensamento livre não se controla: exprime-se.

Mas isso, os teóricos, os ratos de biblioteca, os pseudo- surrealistas arraçados de burgueses nunca o compreenderão...

12. O que significa o abstracto

A Arte divide-se, quer queiramos, quer não, em:

Figurativa

Abstracta

Em todos os movimentos artísticos esta dicotomia está presente, e talvez seja o Expressionismo aquele que tentou, de forma mais ou menos conseguida, fazer a junção destes dois universos estilísticos.

Van Gogh começou as hostilidades: nas suas magníficas telas, os conceitos de técnica e conteúdo fundem-se, e toda a natureza é expressa directamente, como se falasse através da alma desse genial artista a quem tanto devemos.

Gauguin prosseguiu este esforço, adensando o mistério que rodeia a nossa vida, e fazendo telas de grande poder meditativo e de um simbolismo que extravasa a realidade para se encontrar no sonho, essa dimensão paralela que está sempre connosco.

Um pouco mais tarde, e enquanto essa força monstruosa chamada Pablo Picasso inventava TODOS os modos de ver que a arte iria dar ao

mundo no século XX, Kandinsky criava oficialmente a Arte Abstracta ocidental.

O Abstracto significa essencialmente, sonho.

E o sonho está sempre ao nosso lado, sobretudo em arte.

Os pensamentos ganham asas, e a criatividade voa por terrenos inexplicáveis onde tudo pode acontecer.

Assim o compreendeu Kandinsky, grande teórico das artes visuais, que, conjuntamente com Paul Klee, empreendeu uma viagem profunda ao mistério do inconsciente, trazendo à superfície elementos essenciais à vida mental, ao bem estar do ser humano e até à vida em sociedade.

Na Europa da segunda metade do século, Joseph Beuys e sobretudo Antoni Tàpies transmitiram uma nova força à arte abstracta, carregando-a de um simbolismo e autenticidade conceptual que ajudou a equilibrar forças com a pop art de Warhol (o que já tinha sido conseguido em parte com a explosividade da action painting de Jackson Pollock-Expressionismo Abstracto).

Hoje em dia, a conjugação entre o figurativo e o abstracto tornou-se normal para o trabalho de qualquer artista, o que demonstra bem a importância do sonho na arte.

13. Perspectiva histórica da Arte Moderna

Antes de tudo, convém frisar que, historicamente (nem sempre esta classificação temporal é a mais adequada ou sequer a mais criativa, mas serve neste caso para nos situarmos), a Arte Moderna tem o seu início “oficial” em Pablo Picasso, mais concretamente na sua magnífica obra *Les Femmes d'Alger (O Jogo)*.

O tema das prostitutas é um tema provocador para a sociedade burguesa (que finge não existirem, mas que no entanto necessita delas para o seu equilíbrio), mas não é totalmente inovador (lembremo-nos do célebre Toulouse-Lautrec, por exemplo).

Esta tela reúne importantes influências e permitiu grandes avanços, os mais decisivos na mentalidade dos próprios artistas, dando-lhes “asas” para a libertação criativa.

Ao nível das influências, ela transmite de forma explosiva e explícita a força ancestral da Arte Africana (e não tanto a herança pictórica do Impressionismo, via Cézanne, como se tem feito crer de forma abusiva em quase todos os livros de História da Arte); ao nível das inovações na arte, o que as *Femmes d'Alger* permitiram foi algo de absolutamente revolucionário, de facto: uma obra- dentro- da- obra (natureza morta com alguns frutos), várias mulheres, cujos rostos estão de frente e os narizes... de perfil (!), e que

exibem deformações formais nos seus corpos, realizadas com mão de mestre, e não como resultado de um acesso momentâneo de loucura (a mão- “garfo”, pernas que desaparecem, ângulos rectos em vez de curvos, etc).

Ora, esta obra “aconteceu” em 1907, aproximadamente, tendo ficado escondida do olhar do mundo durante vários anos.

Quando se tornou visível, não deixaria “pedra sobre pedra” ; não só ela tem estas características completamente únicas, mas também iniciou o Cubismo (uma outra “Revolução”...), como que anunciando a entrada das novas tecnologias na arte, ao impôr uma visão fragmentada da realidade, hoje tão comum em meios como o cinema e os video- clips de música.

Duas outras obras de arte reclamam também para si o estatuto de revolucionárias.

Uma delas é a vida e o trabalho de longo fôlego de um dos grandes Génios do Século XX, um génio imerso em infinita poesia: Wassily Kandinsky.

A outra é “A Fonte”, de Marcel Duchamp, ele igualmente uma personalidade visionária, apesar da sua atitude mental dúbia perante as “burocracias” do dia a dia e até talvez da arte enquanto paixão.

Kandinsky é o “pai” da Arte Abstracta, um dos movimentos artísticos mais abrangentes do

século, tendo desenvolvido um laborioso processo de depuração teórica extremamente interiorizada que o levou a obras tão essenciais como “Ponto e Linha sobre o Plano”, ou “Do Espiritual na Arte”. Participou também nessa verdadeira Escola da Democracia que foi a Bauhaus, onde leccionaram nomes tão importantes quanto os de Klee, Gropius, Moholy-Nagy, Escola tão decisiva e democrática que o próprio Adolf Hitler chamou a si a tarefa de encerrá-la e, noutra prisma, de perseguir as tendências mais avançadas da Arte de Vanguarda da altura através das Exposições de Arte Degenerada, algo que ainda hoje é negligenciado e abafado, enquanto autêntica “cartilha” ideológica do Regime Nacional-Socialista, que tão poucas saudades deixou...

Kandinsky, como mago da cor que foi, desenvolveu as bases estruturais de um movimento de uma arte liberta dos constrangimentos realistas, da “realidade visível” (o que já estava a ser posto em causa pelo aparecimento da fotografia, de facto), ou seja, ele ansiava ardentemente por uma arte que tivesse a sua origem- e desenvolvimento-naquilo a que ele apelidava de Necessidade Interior, conceito fundamental que exprime de forma excepcional todo um conjunto de emoções intemporais típicas do temperamento dos grandes artistas.

As suas pinturas dividem-se em Improvisações e Composições (ele considerava umas meros

esboços, e as outras obras mais maduras, um processo de classificação tão metódico quanto o de Paul Klee, por exemplo), e exibem uma tal pujança poética que elevaram a arte abstracta a um nível de evidente revelação profética das forças profundas da natureza.

É um dos grandes heróis da arte moderna, um mestre de uma pureza e sabedoria genuínas, cujo olhar exprime uma sensibilidade fascinante. No fim da vida os “críticos de arte” daquela época ainda o acusavam de depender de drogas para criar, pois não aceitavam que tal genialidade absoluta pudesse existir, nem compreendiam a mensagem contida nas suas pinturas, que para essas pessoas – de quem não rezeará a História, e ainda bem- eram tão estranhas.

Quanto a Marcel Duchamp, esta personagem solitária, misteriosa e singular foi considerada pelo “pai” do Surrealismo, André Breton, “o homem mais inteligente do Século XX”. Francamente, não discordo desta opinião, tendo em conta à partida uma determinada definição de inteligência, própria de “reinos” mais elevados, mais intelectualizados, de entender a arte.

A sua arte é, pode dizer-se com propriedade, uma arte- como- ideia, e não uma arte- visível- pelo- objecto- que- a- exprime.

É uma arte que se passa inteiramente no cérebro, nas camadas mais sublimes e escondidas da

memória e do intelecto, feita de referências literárias, de jogos de palavras não raras vezes infantis e até obscenos, que desconcertam todos os que a vêem e divertem o próprio artista.

Não admira, por isso, que ele seja considerado o iniciador da Arte Conceptual, sendo que este movimento é, na minha opinião, o mais importante impulso criativo dado às Artes no seu todo na segunda metade do Século XX, uma vez que a sua influência se estendeu de forma inimaginável, tendo excedido largamente as expectativas dos seus próprios “criadores temporais”.

“A Fonte” é, como o seu criador, uma das obras mais enigmáticas de toda a História da Arte, um verdadeiro marco, que ultrapassa barreiras mentais, provocando ira, estupefacção, incredulidade; para uns trata-se de uma provocação dadaísta, um insulto ao bom gosto, enquanto que para os entendidos é uma porta aberta para o fascinante mundo dos jogos mentais que a arte sempre proporcionou.

Assim, o que espanta nesta obra não é o que ela é: é antes o que ela pode vir a ser, na interpretação do espectador: a aventura de entendê-la é ainda hoje um mistério, e todas as pessoas tendem a ter a sua própria opinião sobre o que “A Fonte” significa.

Mas... o que é “A Fonte”?

Pois bem: A Fonte não é uma fonte, é... um urinol (!). Mas, também não é um urinol no

sentido tradicional, pois está virado ao contrário/ de pernas para o ar.

Lembremo-nos de que esta obra foi rechaçada pelo júri de um concurso de arte (júri esse do qual Duchamp fazia parte...), que a considerou uma óbvia provocação, tendo impedido a sua exibição ao público, pelo que Duchamp entrou em rota de colisão com alguns organizadores desse evento e decidiu que nunca mais participaria em concursos.

Desde já aparece aqui um dos níveis possíveis de interpretação, o do nosso código linguístico, entendido enquanto sistema de significação: o que Duchamp faz é uma afirmação que contém uma negação: Não Urinol= Fonte; Fonte= Negação de Urinol. Ou, talvez: “Um urinol poderá ser uma Fonte se o virar ao contrário”.

Mas, ele quer ir muito mais longe com esta obra: a fonte distorce o significado que normalmente atribuímos à arte, como algo de simultâneamente belo e intemporal.

Ora, o que pode ser mais feio e “conjuntural” do que um... urinol !?

Desta forma, a função dos objectos e a sua classificação na nossa sociedade (os objectos que são belos e os objectos que são “práticos”) são completa e estruturalmente postos em causa.

Trata-se, é claro, de gozar, de brincar com o sentido comum da arte, entendido como algo que é imediatamente apreendido pelo espectador, de utilizar todos os recursos

Semióticos, que habitam as raízes da Comunicação.

O alcance desta peça de artesanato intelectual único ainda hoje é desconhecido, e influenciou inúmeros artistas ao longo de várias gerações; encontramos-nos perante um verdadeiro enigma da História mental humana.

Não é por acaso que este artista escreveu um livro sobre um problema do jogo de xadrez quase impossível de acontecer: esta é uma mente tão discretamente excêntrica quanto genial, o que volta a provar mais uma vez- se tal fosse preciso- que a capacidade artística reside mais na atitude aparentemente irresponsável do que na pseudo- seriedade que se quer fazer passar por adulta, a qualquer custo.

14. Carta aberta a Paula Rego

É fácil dizer bem de Paula Rego.

É fácil porque é a única portuguesa – desde Vieira da Silva – a ter influência global, fazendo o que eu apelido de pintura- pintura; na sua obra coexistem o figurativo com uma interpretação do “sonhar- acordado” que, dizem alguns, também a publicidade consegue alcançar, a meio caminho para uma sociedade que confunde consumo com democracia, na sua vertigem do imediato que globaliza as emoções, o intelecto e as paisagens culturais mais sublimes, fazendo passar um Beuys por um visualmente corruptor Warhol, sem que nos apercebamos das gritantes diferenças – na forma mas sobretudo no conteúdo.

É bom que sejamos claros, que se diga a verdade – em vez do chorrilho de elogios supérfluos e bafientas meias- verdades: Paula Rego é, no contexto das artes visuais contemporâneas, uma voz profundamente retrógrada, profundamente anti- história da arte moderna.

E porquê? É, mais uma vez, simples.

O que torna Wassily Kandinsky único?

O que transforma Paul Klee num mistério?

O que faz de Picasso um gigante unânime?

Por que é Mondrian um “geómetra” respeitado?

Em que sentido é Duchamp uma voz dissonante?

Se há uma regra praticamente consensual na arte do século XX (o XXI é ainda uma “criança”...) é a evolução dos artistas do figurativo para o abstracto. Estou a lembrar-me do último quadro de Dali (cuja autoria poderia perfeitamente ser de Miró), estou a recordar-me da tentativa de Picasso agradar ao já *monstro* da arte informalista Tàpies, estou a lembrar-me da primeira aguarela conscientemente abstracta de Kandinsky, estou a rever mentalmente a depuração da árvore de um Mondrian rumo a um destino comum a todos esses heróis da arte: o abstracto.

Ora, Paula Rego faz o percurso exactamente inverso: o início é pautado por um discurso estranho e caótico, que o mesmo é dizer: um abstracto violento, essencial, puro, e ela *evolui* para um figurativo que faz em pintura o que o fado faz na música: a repetição de lugares-comuns sobre uma perspectiva cínica do que é a “alma portuguesa”.

Andaram gerações de artistas - incluindo Pollock, Rothko, Gorky, Matta, Lam, Dubuffet, cubistas, expressionistas, dadaístas, surrealistas, enfim, praticamente todos os movimentos

artísticos a “apontar” para a abstracção, a intuição, o jogo de cores espontâneo, as formas “destruídas”, para vir agora uma artista infelizmente portuguesa atirar com um século e meio de autêntica revolução cultural para o lixo.

Uma personagem do justamente célebre “Sim, Sr Ministro” dizia com piada: “De uma só cartada: aprovação, negação e castração!”, em resposta às políticas de Jim Hacker para diminuir os gastos e o pessoal no seu ministério, indicando inconscientemente a sua própria dissolução. Existem dois portugueses que, sem passarem pelo “Ministério dos Assuntos Administrativos”, fizeram exactamente a mesma coisa:

1. Egas Moniz (um dos maiores erros de casting do Nobel, devido ao escandaloso processo de controlar espíritos inquietos - Lobotomia)

E agora, a nossa “menina dos olhos”:

2. Paula Rego

Paula, sê bem vinda a esta terra de incultos e seguidistas do além-mar. És a rainha que és porque tiveste êxito no estrangeiro; se fosses apenas uma dos milhares de bons artistas que há em Portugal, serias unicamente nada menos um = zero.

II- EDUCAÇÃO

1. A Farsa da Educação

Todos os políticos o dizem, quando chegam ao poder político nacional, após anos e anos de luta pela liderança interna do partido, e muitas coisas inconfessáveis feitas pelo caminho:

“- Meus amigos, é preciso apostar na Educação!”

E há dezenas de anos que a ladainha é esta...

Senhores, sabem por acaso o que é esse elevadíssimo conceito da “Educação”?

É que se “Educação” fosse:

- Extinguir os cursos de teoria pura e dura que enviam milhares de licenciados das universidades deste país directamente para o desemprego (Sociologia, História, e muitos etceteras);
- Apostar a sério em cursos técnicos, de saber fazer coisas reais que tenham aplicação prática;
- Apostar com conhecimento de causa em nichos de mercado tecnológicos;
- Desenvolver cursos superiores inteiramente dedicados à Internet e Novas Tecnologias;
- Acabar com a promiscuidade entre os poderes políticos e o ensino superior de uma vez por todas.

Mas não, não é este o conceito de Educação dos políticos ! Porque este seria o verdadeiro sentido de uma educação de serviço público, e esse sentido está cada vez mais ausente, mais distante da realidade que temos.

E, se não existe esta Educação - e ela não existe, de facto - , também não existe público para actividades culturais (logo, os artistas estão a mais neste tipo de sociedades de consumo, pois representam os valores do artesanato intelectual que se deseja erradicar), também não existe mão de obra qualificada (a mão de obra que as indústrias e serviços precisam como de pão para a boca), também não existe tecido empresarial, também não existe um espírito de excelência do qual todos falam mas poucos vêm...

E andamos todos a enganar todos os outros...

A educação é a solução para os problemas das sociedades ocidentais?

- Para muitos deles, é sim senhor.

O conceito de Educação dos políticos profissionais é o conceito que nos interessa desenvolver, para benefício das populações, bem estar social e económico e diminuição do desemprego ?

- Por Deus, NUNCA ! Haja alguém que os impeça !!!

2. Carta Aberta ao Ministro da Educação

"Os meus piores inimigos sempre foram os maus professores" (Pablo Picasso)

"A sabedoria sempre esteve mais perto da pobreza de espírito do que das sumidades intelectuais" (Antoni Tàpies)

Caro Ministro da Educação, diga-me (se souber ou quiser):

1- Porque é que, quando um partido político chega ao poder, em termos de educação, só pensa em fazer uma coisa: uma nova reforma educativa nos ensinos básico e secundário?! Mais uma! (coisa pouca)

2- Porque é que o Sr Ministro pensa que é uma espécie de Sociólogo do gosto popular, ao interpretar de forma tão autoritária e politicamente óbvia os dados estatísticos das Provas Aferidas, insultando de uma assentada o PS e também a opinião pública portuguesa?

3- Porque é que nenhum governo pensa um segundo que seja na remodelação de alto a baixo no Ensino Superior, esse verdadeiro cancro anti - pedagógico que mina o bem estar moral, emocional e intelectual de todas as gerações pós 25 de Abril (pelo menos...)?

Sabe o que dizia Sir Humphrey, na célebre série "Sim, Sr Ministro"? - Que a característica máxima dos Ministros é não saberem fazer nada, não são peritos em coisa nenhuma, e por isso chegam aonde chegam em termos de cargos políticos (uma espécie de Princípio da Incompetência, ou Princípio de Peter - este princípio é ensinado nas mesmas Universidades cuja anti - pedagogia primária o Sr Ministro e os outros Políticos que lá "ensinam" se recusam a enfrentar, por serem eles os pedagogicamente incompetentes, e não os ensinamentos anteriores que eles acusam de todos os males).

Deixe-me dizer-lhe algumas coisas sobre esse célebre e genial ensino que se pratica nas Universidades:

1- As Associações de Estudantes ajudam (e de que maneira!) os alunos finalistas a abusar dos(as) caloiros(as) nas praxes, com a complacência comprometida dos Srs Reitores e companhia limitada;

O que pensa fazer o Ministro da Educação a este respeito? - NADA.

2- Os "professores" universitários não sabem, não podem (porque não sabem), nem querem (isto sim já é uma característica inata da classe política) ENSINAR - desejam apenas uma ocupação que não lhes consuma muito tempo e que lhes dê mais uns 150 contos ao fim do Mês;

O que pretende fazer o senhor Ministro a esse respeito? - NADA, muito provavelmente os seus assessores disseram-lhe que tudo ia bem nas Universidades, para quê mudar o que está muito bem e se recomenda... não é?

3- O ritmo diabólico dos primeiros dois anos de Universidade leva os alunos a tomar drogas (umas que são apenas suplementos cerebrais, outras são mesmo drogas como a cocaína e por aí adiante) para poderem aguentar o ritmo alucinante de cadeirões sem qualquer organização a nível de matérias dadas e exames e contra - exames - UM FACTO, SENHOR MINISTRO, e nem a sua boa - vontade política o poderá desmentir;

O que pretende o Senhor Ministro fazer quanto a isto? - NADA.

O Senhor Ministro e outros futuros Ministros (sem pasta ainda, que pululam nas nossas Universidades a seu bel - prazer) dizem que o problema do Ensino são os níveis Básico e Secundário da Educação - TÊM PROVAS, OU É A SUA VOCAÇÃO RECENTEMENTE DESCOBERTA DE SOCIÓLOGO DO GOSTO POPULAR QUE O DIZ, com o discreto apoio do seu governo de "extrema-direita"?

Gostaria ainda de lhe dizer o seguinte, a si, aos seus assessores, aos políticos que fingem ensinar nas Universidades do nosso País, e a todas as

aves de rapina conjunturais que todos os sistemas políticos e económicos tendem a criar, mais tarde ou mais cedo:

Aceite um cordial abraço deste cidadão, e vá pensando em fazer alguma coisa a sério pelo Ensino. Já é tempo, acredite!

Passeie, visite o Liceu de Oeiras para começar: lá, entre outros sítios, ENSINA-SE MESMO!

Gostaria de lhe dedicar um poema meu, que lhe assenta na perfeição:

Triste de Mim

Triste de mim, que...
De me ser, vivendo...

Assim vou existindo...
Sem estar sendo.

O Rei vai Nu! Aplausos para o Ministro!

3. A Universidade enquanto medida da Sociedade

Quando a Bauhaus surgiu, nos anos 30, os seus criadores e as pessoas minimamente sérias pensavam que esse seria um exemplo de democracia pedagógica que rapidamente se iria alastrar a toda a Europa, fundando as bases para um ensino verdadeiramente criativo.

Nada de mais errado: os artistas e mentores da Bauhaus foram imediatamente perseguidos pelos nazis, bastantes deles emigraram à força para os Estados Unidos, e esta Escola de excelência foi encerrada com toda a pompa e circunstância por Adolf Hitler em pessoa, que fez questão em torná-la um exemplo do que não iria ser permitido – um sério aviso à navegação, a nível dos intelectuais, por toda a Europa.

A Universidade é, de facto, a medida da Democracia de toda a sociedade. Hoje em dia vive-se um clima de verdadeiro terror intelectual nas universidades portuguesas (portuguesas e não só, este problema de corporativismo da mediocridade e de lobbies alastrou a todo o mundo dito civilizado), renegando os seus verdadeiros talentos criadores de cultura (o exemplo de Einstein é apenas um entre muitos outros...), e promovendo a repetição de sebatas bolorentas

à categoria de genialidade absoluta, de voz dos mestres, que regem cadeironas teóricas de dificuldade totalmente ridícula e desajustada em faculdades cada vez mais decrepitas e insensíveis à mudança exterior.

Felizmente, a internet veio desalojar estes mestres da banha da cobra, e colocá-los no seu devido lugar, mas dentro das paredes de muitas faculdades ainda reina o autoritarismo saloio, e não a verdadeira sabedoria (até porque os homens realmente sábios se afastam logo de tais antros pseudo- intelectuais, e fazem eles muito bem).

O último sábio que conheço que ainda condescendeu com este estado de coisas e aceitou entrar e dar aulas numa universidade foi Agostinho da Silva.

Os mass media têm grandes culpas no cartório nesta autêntica calamidade pública, ao promoverem os instintos mais primários que o ser humano tem.

Ora, enquanto as universidades não forem lugares de cultura, a sociedade não poderá nunca ser o espelho dessa atitude perante a vida, pois os exemplos que gerações levaram das faculdades são os exemplos de professores incompetentes e prepotentes, que ensinam coisas que não vão servir para nada na vida real.

E, enquanto este for o cenário na Universidade, a Sociedade não poderá mudar a sua mentalidade.

Pobres artistas, pobres intelectuais que nascerem neste país, pequeno na dimensão e ainda mais pequenino nas ideias ...

4. Educação: os 4 elementos

Existe, nas sociedades modernas, uma cultura livresca; onde uma biblioteca é tudo, para (quase) todos. Nada mais falso. O sistema de ensino e a aprendizagem do alfabeto, de saber ler e escrever, é apresentado como o modelo único, a base da democracia do mundo ocidental. No entanto, existem 4 elementos, que desmentem categoricamente esta versão minimalista/ economicista.

Começemos então por descrever esses 4 elementos essenciais para uma Escola verdadeiramente democrática:

I. A teoria pedagógica

A escola de artes aplicadas Bauhaus influenciou gerações de artistas, estudantes e pedagogos, tendo-se tornado um verdadeiro mito, ao unir personagens geniais (entre os quais Kandinsky - o pai da arte abstracta, e Klee), e desenvolver a arquitectura e o design de interiores. Mas o mais importante na Bauhaus era a sua pedagogia anti- dogmática: os “mestres” incitavam os alunos ao pensamento criativo, a aprendizagem fora das paredes da Bauhaus, ao mesmo tempo que participavam de toda a vida interna. Os professores eram iguais aos alunos, e isso

respirava-se a cada dia, fornecendo um ensino realmente colaborativo, algo que poderia inspirar o sistema educativo actual, se a ignorância não imperasse...

II. O erro do alfabeto: comunicação total

Assim como a origem autêntica da arte moderna (cubismo) não é o pós- impressionismo (via: Cézanne), mas antes a arte primitiva/ africana, a origem da linguagem não é o alfabeto e as letras (algo que é escondido da opinião pública por governantes comprometidos com interesses políticos comuns aos principais partidos dos Estados da civilização ocidental), mas o símbolo, que tem evoluído desde tempos antigos, desenvolvido por povos que os adaptavam à comunicação e à sua vida do dia- a- dia. Por muito que se deseje esconder a verdade, o esquema da evolução dos símbolos que consta do livro: “História da Linguagem”, de Júlia Kristeva, não mente... Assim, o destino do alfabeto, enquanto sistema simples de letras (entendidas como sinais de “via única de interpretação de significados lógicos”), é a forma mais poderosa de controle social/ psicológico de todo um povo: “o pensamento será o que o ensino permite”...

A influência da cultura visual exprime e traz novos mundos simbólicos para a comunicação

total, seja através da pintura abstracta, seja por instalações de arte moderna, que levam ao auto-questionamento das pessoas. A fraca cultura gráfica é um dos fortes pilares da mentira ocidental: e essa mentira parte do “berço da civilização: a educação.”

III. O pedagogo em acção

Não é preciso ir muito longe para encontrar um homem que, poder-se-á dizer, encarnou todas estas ideias, e que lutou de forma obstinada pelos seus princípios. Esse homem, esse nome, é um tabu. Existem várias pessoas no ensino superior que conhecem a sua obra, mas ele indicou um caminho mental tão forte, tão inadiável, tão claro, que imprime respeito e, sobretudo, medo...

Joseph Beuys, é o nome. Foi um artista essencial, ultrapassou várias crises psicológicas gravíssimas, de uma intensidade única, formou-se com alguns dos melhores artistas e escultores alemães, e trilhou um caminho que desembocou na visão do artista como xamã (basta lembrar a sua instalação com um coioote, nos EUA, passando pelas intermináveis palestras, com os utensílios típicos dos professores, ou a explicação de pintura a uma lebre morta, o conceito de “plástica social”, a utilização de gordura, feltro, os pianos - a música como

“arma” da sensibilidade, etc). Muitos o consideraram um “soldado de assalto cultural”, e a sua pedagogia (enquanto professor de arte da Universidade de Dusseldorf) é outro tema “explosivo”: tentou leccionar para todos os alunos que quisessem aprender, e não para aqueles cuja avaliação lhes permitisse assistir às suas aulas.

IV. Praxes: a herança antropológica

As praxes são um elemento fracturante no sistema educativo. Os professores universitários não gostam, acham bárbaro e inconsequente, mas no entanto, pactuam em silêncio, de modo a conceder às associações de estudantes alguma margem de manobra nesta área, pois a adolescência reúne características psicológicas únicas, que só podem ser exorcizadas nestes eventos de histeria colectiva. As praxes são, muito simplesmente, os ritos de passagem (não assumidos enquanto tal) da adolescência ao estado adulto, ritos esses que existem em todas as sociedades, de forma mais ou menos definida, enquanto elemento fulcral na organização social: são a prova viva de que a sociedade pós- industrial, de serviços, tem uma necessidade “orgânica” de assumir esta herança das sociedades primitivas; o escape sociológico compensa alguns limites sociais colocados ao ser

humano pela compartimentação extrema da sociedades modernas.

III- MASS MEDIA

1. Andy Warhol e Marshall McLuhan

Andy Warhol é o Pai de todos os embustes artísticos do Século XX.

Desde a ideia de banalização da arte (ou seja, da sua falsa democratização, atribuindo a toda a gente talento natural para fazê-la com sabedoria, sentido estético e histórico), passando pela deturpação dos ready - made de um Duchamp que nunca se deu ao trabalho de desmistificar o que quer que fosse, até à inspiração de todos os Big - Brothers, de todas as revistas cor - de - rosa possíveis e imaginárias (os tais 15 minutos de fama para todo o gato- pingado deste mundo e arredores...), o trabalho de Warhol é a tentativa de transformar a realidade mais chã e desinteressante em coisa que valha a pena comprar.

Além da fraca produção artística de Warhol, também a forma como subiu no mundo da arte nova - iorquino não está isento de dúbios favores do submundo Gay que ele tão bem conhecia, algo que tem feito escola no mundo da arte, da política e dos mass media.

Se Warhol é um profeta da arte, é - o apenas da sua banalização, pois que transformou a Galeria de arte num gigantesco supermercado de coisa nenhuma.

A arte tem de provir da Necessidade Interior - ensinamento de Wassily Kandinsky (criador oficial da Arte Abstracta ocidental); ora, este

ensinamento está totalmente em contradição com a mensagem publicitária e panfletária de um Warhol obcecado por dinheiro.

Aquilo que em Duchamp é mental, em Warhol é ostentação; aquilo que em Kandinsky é interior, em Warhol é exteriorizável; aquilo que em Bacon é contenção, em Warhol é espectáculo, vaidade.

Existe um homem sábio, um verdadeiro intelectual da nova era dos Mass Media.

Esse homem chama-se Marshall McLuhan e, apesar de pouco citado, a sua excepcionalmente lúcida análise é - nos essencial para compreendermos, tanto o poder dos meios de comunicação social nas sociedades burguesas ocidentais (sociedades de serviços e de novas tecnologias, pós Revolução Industrial), como a perniciosa contribuição de Warhol para o mundo da arte da segunda metade do Século XX.

Questionar os falsos mitos do Pós - Guerra significa mantermos a perspectiva histórica e a sensatez. E McLuhan é muito mais sensato do que Warhol foi.

Sensato e honesto, intelectualmente.

2. A Teoria da Indiferença de Tony Soprano

O que agora, ano 2005, pós- 11 de setembro, Beslan e Tsunami, interessa discutir, não é a capacidade introspectiva do ser perante o abismo insondável do magma de signos de si próprio, que segundo a teoria Jungiana constitui esse verdadeiro mundo interior onde todas as imagens abstractas e símbolos universais-recalcados ou não- se encontram latentes no espírito de algo que pode não ser já humano.

O que interessa verdadeiramente é saber se a indiferença quase absoluta da “civilização” burguesa pós 2ª Guerra Mundial, transformada em voyeurismo segundo a visão de um Warhol falsamente profético, nos irá conduzir a todos a um vazio de valores, ou se surgirá algum “salvador” que indique o caminho para uma milagrosa cura socio- psicológica, segundo um padrão economicamente viável, está bem de ver. A verdade- bem, uma das verdades- é a de que o homem não está em causa, não é acossado por nenhum perigo visível, como acontecia na época “primitiva” da existência humana. Logo- não utiliza uma das capacidades “adormecidas” de qualquer ser vivo: a INTUIÇÃO, capacidade essa que, segundo Beuys, seria a responsável pela supremacia dos animais sobre os humanos, no que à inteligência dizia respeito...

Discutamos, portanto, os Sopranos.

O que faz a fama da série? - A violência gratuita? - O humor nessa violência crua e até patética? - O facto de ser levada a cabo por seres comuns, com defeitos óbvios?

A profundidade da análise psicológica não é, concerteza, mas a sua roupagem voyeurística talvez.

“Vejam, o grande Tony Soprano também precisa de Psicoterapia!”

Tal como nos Big Brothers todos e mais alguns, a exploração dos sentimentos mais reles, das emoções mais baixas- ódio, inveja, mexericos sempre vazios de verdadeira alma.

“A grande qualidade da série” resume-se a isto, a um Big Brother com violência encenada, com muita, muita indiferença pela experiência emocional do outro, do Eu, do outro Eu.

Tenho dificuldade em aceitar os argumentos de qualidade que sejam legitimados pela própria indústria que faz esses produtos - prémios Grammy na Música, Tony na Televisão e Óscar no Cinema.

Fracos argumentos, de uma sociedade que se auto-legitima através da mediocridade e de um

sentimento de normalidade perante o que é vulgar.

Como subsiste a Psicologia perante este avanço burguês? Rende-se à banalidade? Onde está a profundidade, a pedagogia do olhar? Responda a consciência de quem souber.

3. A função educativa dos mass media

Os meios de comunicação de massas (televisão, jornais, cinema, rádio, e agora internet) apresentam-se hoje com um valor social extra: são eles os verdadeiros fazedores de educação das populações.

Como tal, não podem dar-se ao luxo de renegar uma das funções mais importantes que tal estatuto sociológico acarreta: a pedagogia cultural.

Infelizmente, os grandes grupos económicos apoderaram-se das grandes cadeias de televisão, por todo o mundo, tornando-se opinion- makers respeitados, mas de um vazio cultural gritante: a cultura não vende, não atrai grandes audiências. Programas como as entrevistas a Agostinho da Silva, do maestro Vitorino de Almeida ou do historiador Hermano Saraiva são apenas gotas de água no oceano do tele- lixo actual.

Poucos são os jornalistas que escapam a esta lógica de pseudo- jornalismo, feito em quantidade e não qualidade: os conteúdos não interessam, desde que o marketing/ publicidade promova bem o “produto”, tudo vende ...

Telenovelas, séries de humor, talk- shows: estão em alta.

Programas culturais, entrevistas a grandes nomes da cultura? – São relegados para horários inaceitáveis, a partir da meia- noite...

Desde a transformação da sociedade industrial em burguesa (burgueses esses que viviam sobretudo do comércio internacional), que a evolução no sentido do económico (e não do cultural) era bem visível nas sociedades “modernas”.

Hoje em dia, de facto, os políticos querem-se conhecedores do económico, e sobretudo que não sejam grandes pensadores, antes pessoas pragmáticas que saibam resolver os problemas dos cidadãos.

Não existe um planeamento do sistema educativo que seja qualitativo. Existe, isso sim, um sistema educativo em quantidade, que serve milhares de alunos, e todos recebem o mesmo tipo de educação: manuais escolares iguais, professores iguais, carradas de exames para provar que o aluno decorou, memorizou tudo, nem que depois a sua memória tenha cuspidido a “comida” toda... para poder memorizar a matéria que vem a seguir.

Este modelo de educação é anti- criativo, e não tem em conta que a verdadeira educação faz-se fora da Escola, pela televisão, em grande parte, e pelos meios de comunicação de massas- mass media.

E esses mass media recusam-se a assumir um papel que é seu: o da pedagogia cultural.

A isto chama-se círculo vicioso, e parece não haver quem o queira quebrar, até porque a televisão estatal é a primeira a dar os maus exemplos.

IV- TERRORISMO

1. O Profeta da Destruição e o Texas Boy

Quando as duas torres gémeas submergiram sob os escombros de seu próprio peso e vivente contradição, lembrei-me de meu irmão, e do quanto gosto dele. Ele já tinha estado por cima daquelas torres, a apreciar a paisagem, antes (senti um arrepio nesta memória). Não somos gémeos de nascença (como as torres o eram), mas sim de pensamento, infância vivida de mão em mão, algumas lágrimas porque não.

Uns anos depois, após a espuma dos dias e a poeira dos espíritos dos mortos terem assentado no fundo de meu coração, pensei então:

Não teremos nós, portugueses, mais coisas em comum com os árabes do que com as minhocas dos MacDonaldis e os novos - ricos de além - mar, cuja riqueza se deve ao Golpe do Plano Marshall do Pós- Guerra? ...

Lembremo-nos: Vagamente surgem rostos naufragados, palavras, pensamentos, memórias antigas como o próprio e verdadeiro tempo, ritmos de respirar e breve existir... Assim sente esta nossa alma lusa (de nascimento mas não de traição) a um povo digno, tanto de emoção quanto (até) de nobre e poética canção.

A verdadeira resposta só é uma (e una) e posso eu dá-la:

- Sim, temos.

É Bin Laden um Profeta? Pois bem, raciocinemos: É-o, de facto, enquanto existir,

algures no mundo, um coração que queira mal à América (e, meu Deus, como tem sido fácil odiar a América nas últimas décadas... bombas, ódio, destruição, tudo têm esses Senhores da Guerra plantado neste Mundo Árabe nosso irmão, menos verdadeira sabedoria ... e Pão).

São os Americanos verdadeiros profetas de uma nova civilização?

Vasco, meu irmão, não o creias nunca, NÃO!

Poeta de meu existir eu quisera ser
Longe de ti, nobre coração
Pois não fazes tu Poesia
Nesta triste prisão

Canção breve, por ti respirada
Ao redor de um tal doce sonhar de outrora
Que me desse tudo: sentir viver e amar tua
infância
Dentro de ti, meu pobre irmão

Meu irmão é teu Povo Árabe
Pois que esse, não esquece sua tradição
E num Rio Novo faz seu destino
Sem mais ter que sua própria emoção.

Os Senhores da Guerra podem esquecer-se dos mil ventos de ódio que semearam, dos mil traidores que armaram, das mil tradições milenares que quebraram, das mil infâmias e

mentiras que permitiram e disseram: só não podem uma coisa: cegar um puro coração que nesses mil sonhos de mil ventos habita sem seu próprio respirar consentir nem um suspiro divino alcançar.

Os Senhores dos mil jornais e mil televisões podem dizer essas mil palavras de vento ao luar: pois bem, prefiro mil vezes a Prisão de meu corpo à canção sem tal divino sopro.

O sofrimento do Povo Árabe é o sofrimento do Povo que nos invadiu, do qual temos palavras, ventos, rios e mil olhares sem prisão.

E esse sofrimento é verdadeiro; logo, é um doce coração que em ti vive, meu irmão.

Francisco Capelo, Sociólogo, Artista Plástico, Cidadão, Poeta e acima de tudo Ser Humano com Memória e História (que não esquece, antes enobrece: assim a tivessem os Américas, que traíram o seu próprio e verdadeiro Povo - Sioux, Apaches, e restantes Tribos Índias, que habitam os sonhos realmente vividos deste meu já cansado coração).

2. De Miles Davis a Ben Ladin

Quando Miles Davis lançou *Kind of Blue*, talvez não esperasse vê-lo transformar-se, ao longo dos anos, no álbum mais influente do Jazz Moderno. Davis pertence a uma tradição de um Século de Jazzmen de grande qualidade, começando em Louis Armstrong, passando por Duke Ellington, pelo grande Charlie Parker, Thelonious Monk, Oscar Peterson e finalmente o mais místico e sublime de todos, John Coltrane. Miles, como genial trompetista que foi, criou um som totalmente inovador e, pelo caminho, desceu à realidade, à natureza e arrasou os floreios formais de um Bebop já algo cansado (que tinha sido criado por Bird e Dizzie Gillespie). Através da melodia mais simples, do sopro mais puro, do ritmo mais pausado que se possa imaginar: ali, não havia rasto dos excessos de drogas de um Parker, ou dos excessos rítmicos e quebras bruscas do Free Jazz de um Ornette Coleman.

No entanto, ritmo pausado não quer dizer desatenção, perda do sentido da realidade (que era, e é, vibrante de vida e... de morte); é exactamente o contrário - o ritmo trepidante da vida americana produziu uma nova respiração, calma, plena de sabedoria, neste mestre do Jazz. Tal como Miles, também Bin Laden é filho de uma longa tradição de profetas-guerreiros (de vários séculos e não apenas de um século...), que se baseia na sabedoria profunda do sentir do

Povo Árabe. Aos 23 anos sentiu a sua revelação, e aos 33 anos regressou ao País que o viu nascer. Trata-se claramente de um Profeta com uma missão. É um Profeta da destruição. Certa vez, em Jalalabad, convocou dois grupos de 3 homens para defenderem as portas da cidade: todos eles, ao final do dia, tinham morrido... Este ser humano não vacila perante a morte, e contam-se histórias impressionantes sobre a sua frieza em pleno campo de batalha. Discordo dos meios utilizados, mas a eficácia sobre os poderes adormecidos das sociedades contemporâneas é indesmentível.

É penoso ver o ridículo em que caem os líderes políticos ocidentais que, esses sim, não representam absolutamente nada em termos de valores espirituais profundos das populações que proclamam defender. Todos os dias, de facto, dizem aos altos berros, em plena arena da comunicação social, que irão combater o terrorismo. Acontece que o terrorismo só se combate diagnosticando sociologicamente as suas causas e actuando directamente sobre as mesmas, e não enviando os bombeiros e ambulâncias tratar das consequências.

A comunicação social, por sua vez, tem desempenhado um papel ignóbil: ao mesmo tempo que se tornou o verdadeiro primeiro poder em todo o mundo ocidental, é a primeira a ridicularizar os líderes político- religiosos árabes, fomentando o ódio inter- civilizações

que é totalmente desaconselhável, sobretudo nos dias que correm.

Tal como Miles Davis, também Laden é um homem de grande profundidade espiritual; tal como Miles, também ele improvisa, utilizando meios tão destrutivos como criativos (Miles utilizava drogas e um trompete, Laden utiliza bombas e fica à espera que a hipocrisia política ocidental faça o resto do trabalho por si).

A questão não é a de saber como se vai matar este homem, pois muitos outros se seguirão, após este exemplo de contra- poder aos americanos dado de forma tão clara; a questão é a de saber se os americanos e os israelitas esperavam ou não este ataque maciço, após terem violado consciente e constantemente todas as resoluções possíveis e imaginárias das Nações Unidas durante décadas e décadas.

A questão também se coloca em relação aos seus aliados europeus, que, cegos pela aparente bondade do Plano Marshall do Pós II Guerra Mundial, julgaram ser possível virar as costas ao seu próprio passado, à sua própria memória e história, prestando vassalagem a um País que já usou a bomba atômica em cidades indefesas por duas vezes, provocando uma carnificina indescritível de centenas de milhares de vidas com uma indiferença e aparente normalidade impressionantes, até para as habitualmente abúlicas sensibilidades ocidentais...

Gostaria de terminar dizendo o seguinte:

Num jogo mental- que é o que Bin Laden está a fazer com o mundo ocidental- utiliza-se o melhor jogador desse jogo, e nunca, mas nunca, se envia um sniper para assassinar o outro jogador, pois isso revela medo, medo de que o jogador oponente seja melhor, mais sabedor, e possa ganhar o jogo seguindo as regras desse jogo. Trata-se de um jogo com regras relativamente novas, sem dúvida, mas isso não justifica a falta de cultura dos americanos e o seu comportamento de elefante- em- plena- loja- de- porcelanas.

Matar não nos vai fazer entender a causa do problema: é a saída mais rápida a um nível puramente conjuntural, mas não é a melhor saída. Para um problema como o terrorismo utiliza-se uma estratégia, e não uma mera tática. Este é um dos ensinamentos militares básicos que os amélicas teimam em não compreender, infelizmente, para todos nós.

V- XAMANISMO

1. A um Deus desconhecido

Imaginemos um Deus que não existisse, pelo menos em forma reconhecida pelos seres humanos. E que só se revelasse através da Natureza, plenamente vivida: Deus Água, Deus Sol, Deus Chuva, Deus Trovão, Deus Terra, Deus Fogo...

Imaginemos uma forma tão antiga de religiosidade, que nem o Cristianismo, nem o Corão, nem sequer o Budismo lhe pudessem fazer frente, pois que derivassem todas dela...

Essa religião existe, não é preciso imaginá-la... trata-se do Xamanismo, do Animismo, e é a forma religiosa historicamente mais antiga de todas, a que simultaneamente exprime a versão arcaica de todas as religiões subseqüentes (ou seja, a origem de todas elas) e é a raiz do pensamento primitivo (que alguns antropólogos teimam em citar nos seus estudos tão profundos quanto esquecidos).

O Xamanismo existe - sob formas rudimentares - em algumas tribos africanas e sul-americanas (pelo menos), mas, se aplicado directamente às sociedades burguesas ocidentais, produziria algo de inimaginável, e concerteza muito mais poderoso do que um dos seus subprodutos conseguiu em dois mil anos - o Cristianismo.

Imaginemos, portanto, uma religião sem Deuses palpáveis, nos quais se venerasse a Natureza directamente:

Um Deus que fosse Deus sem o saber.,
E que esse Deus a um destino de não o ser se desse...

Esse seria meu Deus menino.,
Esse seria teu Deus, mulher.

Não só o Xamanismo nos é útil, a nós, ocidentais, como é, sem dúvida, essencial, nestes dias de tão grande velocidade e voragem do tempo, mas também de tão pouca sabedoria histórica e memória emocional colectiva.

Já para não falar no Terrorismo: daria um grande jeito ter uma forma religiosa que desse luta ao Corão... e o Cristianismo não está, pura e simplesmente, à altura desse embate civilizacional.

2. Enquanto Freud dormia:
a moda da esquizofrenia

É fácil catalogar alguém. Desde o primeiro momento, a primeira impressão diz (quase) tudo sobre determinada pessoa. É, repito, muito fácil. E é também fácil e rotineiro, para um psicanalista, rotular e medicar (ou drogar?) o seu “paciente”. Mas, é obrigatório fazer os TPC. Sobretudo, no que diz respeito aos artistas. Nunca foi tão fácil indicar o caminho dos hospitais psiquiátricos a uma pessoa “complexa” ou “estranha”. E os artistas têm deixado que se instale na mente dos “médicos” a versão- loucura, em detrimento da versão- visão. Na História da Arte moderna existem casos que desafiam a tese de “distúrbios graves e por toda a vida”, com que apressados analistas da mente rotulam esses artistas.

Citando Antoni Tàpies: “Todo o artista genial tem tido e continua a ter relação com o “mágico” e o “religioso”, e não é raro que, por isto, tenha sido às vezes comparado ao santo, ao profeta, ou ao feiticeiro da tribo. O aprofundar da realidade requer um estado de “angústia psíquica”, de tensão espiritual, que é verdadeiramente comparável à daqueles.”

Não é fácil separar a loucura da genialidade. Não é fácil deixar a inveja artística de lado, e

encarar de frente um artista de génio. E, no entanto, como seria simples dar o valor intelectual devido a um indivíduo que “arrisca a sua vida” (no dizer de Van Gogh), para encontrar “pérolas”, trabalho esse que lhe é destinado desde a nascença: a sua intuição, a sua vocação.

Entremos então no “jogo a sério”, e deixemos o “jogo a feijões”: comecemos pelos casos “clássicos”:

- Van Gogh (Antonin Artaud chamou-o de “Suicidado da Sociedade”; este pintor dizia que o doutor Gachet era mais paciente e vítima do que ele próprio...)
- Joseph Beuys
- Jim Morrison
- Joan Miró
- Antoni Tàpies
- Pablo Picasso

O que têm todos estes grandes artistas em comum?

- Duas coisas:

- . Sofreram fases de “doença mental”/ depressões gravíssimas
- . São xamãs

Todos eles passaram por ritos de iniciação, todos eles atravessaram psicologicamente áreas espirituais subjectivas, que exprimem energias interiores de grande sensibilidade e força.

Para Piers Vitebsky, apenas a sociedade escolhe quem será herói e quem será louco (!), de entre um conjunto de artistas/ visionários: “Os xamãs são “loucos” por cortesia da cultura e nos termos dessa mesma cultura. Em último caso, é a sociedade que distingue entre o comportamento do xamã e do esquizofrénico ou do psicótico. Um transforma-se em herói e o outro em paciente de um hospital. O xamã vive à beira de um abismo, mas tem forma de evitar cair nele.”

É preciso, então, entender os sinais. Todo o trabalho mental do xamã é metafórico/ simbólico: foi-o quando Beuys tentou curar a América (instalação com um coioote: “A América ama-me e eu amo a América”), foi-o quando Picasso respondeu a um soldado alemão que eram eles que tinham criado Guernica, e não ele próprio; foi-o quando Jim Morrison se deixou influenciar pelo espírito de um índio morto na estrada; foi-o quando Miró pintou O Carnaval de harlequin com a “inspiração da fome”; e, finalmente, caracteriza a arte do artista “mais abstracto dos abstractos” Antoni Tàpies: muros, portas, escadas, caminhos, símbolos, etc.

Vitebsky, no seu livro *O Xamã*, é taxativo, na distinção entre artistas geniais (considerados esquizofrênicos) e os xamãs: existem causas, provocam efeitos (parecidos mas ao mesmo tempo muito diferentes): “O paralelo mais próximo para a loucura do xamã será talvez o estado clinicamente designado por esquizofrenia. (...) Todavia, as diferenças são bastante grandes, tanto psicológica como socialmente. Enquanto a atenção do xamã aumenta, a do esquizofrênico encontra-se difusa; enquanto o xamã mantém um controlo de longo alcance sobre o seu próprio estado de espírito, a esquizofrenia determina a perda deste controlo; e, enquanto a experiência do xamã é sempre trazida de volta à sociedade e partilhada para benefício dela, o esquizofrênico está retido no interior da sua experiência privada, quase no ponto do autismo.”

Repito: todo o trabalho mental do xamã é simbólico: é feito de metáforas – como os sonhos. E actua na sociedade. Citando de novo Vitebsky: “Qualquer que seja o modo como as pessoas de fora considerem o estado mental do xamã, as sociedades xamânicas vêem uma continuidade entre este estado e o do paciente e da sociedade, considerados como um todo.(...) Em vez de procurarmos uma instituição designada como xamanismo, a nossa atenção deve centrar-se na figura do xamã. O xamã liga entre si áreas como a religião, a psicologia, a medicina e a teologia, que, na literatura

ocidental, se encontram separadas. Através das suas experiências individuais, os meios do xamã são psicológicos, mas os fins são sociológicos, para sarar e manter a comunidade.”

Enquanto Freud dormia... instalou-se a moda da esquizofrenia: é fácil, é barato, vai-se ao livro das doenças e dos medicamentos, receita-se alguma coisa para o paciente dormir muito, e ataca-se o efeito, não a causa. Enquanto sociólogo (o que sou), não posso mais calar a minha revolta pela hipocrisia das “sociedades modernas”, que rotulam todos os “aspectos negativos” de um indivíduo como “doenças do nosso tempo”.

É que... só são doenças porque a sociedade diz que são...

VI- OUTROS TEMAS

1. A vida do homem enquanto
representação da realidade

O homem primitivo começou as “hostilidades”: a realidade era demasiado abrangente, para as suas forças (físicas e também mentais).

Portanto, nada mais fácil do que fazer pinturas nas suas cavernas, para exorcizar o medo da realidade: cenas de caça, animais, e uma simbologia mágica que perdura e fascina até aos dias de hoje.

Os sons forneceram uma forma de comunicação extra que, em conjugação com a expressão gestual, ajudaram o homem a manter a coesão da vida colectiva em tribo.

Com a invenção da escrita, a interpretação da realidade torna-se essencial, e a humanidade distancia-se da natureza para sempre, como se a cultura pudesse alguma vez substituir os factos biológicos e antropológicos.

As sociedades ditas civilizadas baseiam-se nas cidades, esses lugares míticos que criaram a sua própria “selva”: selva de cimento, betão, vidro, espaços inabitáveis, irrespiráveis, nos quais as populações humanas se concentram, apesar da qualidade de vida ser muitas vezes menor do que nas aldeias.

Vivemos rodeados de transmissão de códigos, e não de comunicação de verdadeira linguagem.

Vivemos rodeados de interpretações e representações da realidade, e não da autêntica realidade.

Vivemos rodeados de “cultura”, e não de seres humanos que sintam e pensem enquanto tal.

Temos urgentemente de compreender de uma vez por todas que a vida é apenas um segundo emprestado a esse reino misterioso que está para além da realidade, e que se pode chamar de Linguagem: de facto, a Comunicação apenas se pode revelar no mundo dos Símbolos, ou seja, na ausência da vida ou após ela.

Quanto mais o homem se rodeia de tecnologias, mais se afasta da realidade. E é isso o que causa o medo da morte, aproveitado de forma infame pela religião.

2. A verdadeira origem do conhecimento e da criatividade

Einstein não foi genial por pensar como-todos-os-outros.

Picasso não foi genial por ser o melhor artista ao nível da técnica.

Van Gogh não foi genial por ser um pintor convencional, “razoável”, racional.

Beethoven não foi genial por ouvir melhor que os outros (aliás, a certa altura ficou surdo e, aí, foi o puro instinto que salvou a sua arte).

Pasteur não inventou a pasteurização através do conhecimento, mas antes do acaso.

Pessoa não é genial pela sua grande cultura.

Servem estes (poucos mas clássicos) exemplos para demonstrar que é o pensamento aparentemente irracional que dá origem aos grandes actos de criatividade da Humanidade.

Daí a considerar os cientistas e artistas apenas loucos ou simplesmente excêntricos vai um pequeno passo na comunicação humana, mas um grande passo na irracionalidade colectiva global que nos afecta a todos, veiculada por mass media interessados em espectáculo imediato e não em revelar o verdadeiro pensamento dos Grandes cérebros culturais do nosso Tempo.

É fácil dizer mal de A Fonte, de Marcel Duchamp. É fácil porque é um urinol que os críticos de arte consideram uma verdadeira fonte de genialidade e pensamento criativo em estado puro. É fácil.

Mas o fácil, o óbvio, não é necessariamente a verdade.

Ser genial é tudo menos ser o óbvio.

É ser profundo e complexo, sendo simultaneamente simples nas fórmulas que expressam essa profundidade.

É fazer múltiplos brainstormings para encontrar apenas uma palavra.

É dizer não à cultura com C grande, escarnecer dos mitos dos ratos de biblioteca, que decoram maços de livros sem compreenderem a sua alma.

É utilizar o instinto, onde os outros utilizam conhecimentos alheios.

É utilizar sabedoria própria, quando todos os outros não sabem o que fazer.

É ultrapassar barreiras mentais que as outras pessoas nem sonham que existem.

É reconhecer elementos sagrados no seu próprio interior, apenas com o seu existir, com o seu sentir.

Talvez seja por tudo isto que não é génio quem quer: é-o quem o PODE ser, quem tem determinadas características inatas, e as SABE desenvolver ao longo da vida, e ouve e sente

essas vozes da alma que guiam todo o pensamento verdadeiramente livre das amarras do Tempo presente, finito como todas as coisas que permanecem visíveis.

Não se compram coisas geniais nos supermercados- compram-se coisas úteis.
De facto, o pensamento criativo genial não é comprável- é, pura e simplesmente, uma dádiva que devemos - TODOS nós, aceitar, compreender, respeitar, e, finalmente, Amar.

3. O artesanato e a indústria: o debate adiado

Desde o movimento Arts and Crafts que se discute nas Artes Visuais qual deve ser a relação do artesanato e da indústria das artes. Depois, a Bauhaus veio renovar o debate e demonstrar através da prática que não são dimensões incompatíveis. Uniu algum simbolismo e vertentes mais criativas da arte (Kandinsky, Klee, entre outros) e o racionalismo mais “puro e duro” de uma certa arquitectura que tem contribuído para descaracterizar as sociedades contemporâneas, retirando-lhes alma e a “loucura artística” de arquitectos de génio como Hundertwasser ou Gaudí.

A arte moderna é uma área do conhecimento estranha. Estranha porque não existem parâmetros seguros da medida do valor das suas realizações.

Os mass media aproveitaram-se desta insegurança aparente e tornaram-se, em pouco tempo, a via preferida por todos os agentes das artes, no seu veículo de legitimação social, económica e até política, o que é, no mínimo, manifestamente abusivo.

E Warhol tem grande responsabilidade neste género de comercialização desenfreada a que se tem assistido desde o aparecimento da Pop- Art. A democratização de conceitos artísticos profundos, em estado bruto, foi defendida por Beuys, por exemplo, mas isso não implicava de

forma alguma a banalização, o nivelamento por baixo, pelas emoções mais inacreditavelmente vãs que a História da Arte já conheceu, desde que a pop-art invadiu o mercado com peças tão gigantescas em tamanho quanto vazias de conteúdo.

A discussão entre o artesanato da imagem e a forma de comercializar os produtos das artes visuais – algo que na Bauhaus era algo de essencial, e encarado de forma muito séria-, tornou-se com o passar do tempo uma peça da engrenagem totalmente acessória, dispensável, e sobretudo muito incómoda, para galeristas que gostam de explorar artistas e não ser criticados, antes receber encómios por parte de governantes que, por sua vez, também vão fazendo os seus “biscates” para ganhar o pão do dia a dia.

Assim, com a entrada de rompante dos mass media nas nossas vidas, não só as artes dependem dessa divulgação, como a classe política se torna dependente de comentadores-que-já-foram-políticos-e-agora-não-se-sabe-muito-bem-o-que-são, e, por causa das promiscuidades com o terror intelectual que reina nas Universidades, não reformam a sério a Educação, o que por sua vez seria decisivo numa política de apoio à compreensão das artes por parte do seu público-alvo.

Assim, mais do que um círculo vicioso, a arte totorna-se refúgio de certos grupos ávidos de expansão e afirmação pessoal e social, como o

lobby Gay, que domina hoje, de forma muito clara, tanto as galerias, como os meandros da comunicação social e bastantes sectores políticos.

Está na moda ser Gay. Mas está sobretudo na moda sê-lo e não dizê-lo, para que se possa aproveitar tal estatuto invisível e misterioso para subir na sociedade através de um círculo de amizades inconfessáveis.

Não é isto que me preocupa, embora seja um fenómeno indesmentível e que assumiu proporções gigantescas nos últimos anos.

O que me preocupa é que já ninguém se preocupa com um dos debates essenciais nas artes visuais: o que é o artesanato e o que é a sua comercialização, e como se podem compatibilizar estes dois conceitos...

4. Porque razão Stephen Hawking se engana e NOS engana ?

É hoje óbvio o paralelismo entre a explicação dos cientistas das ciências “exactas” sobre o Universo e a explicação religiosa de matriz cristã, e seus mitos fundadores com origem em outras civilizações e até religiões.

Todas estas explicações falam de um início (big bang para a ciência, criação do mundo para a religião) e um fim (big crunch para a ciência e fim do mundo para a religião).

Ora, este paralelismo torna aparentemente estável a coerência entre a perspectiva religiosa e a explicação científica, e isso é precioso, extremamente útil para manter a coesão social e a esperança das pessoas.

Vem este facto a propósito de uma ideia que está na base de todo o conhecimento “científico”: a ideia da expansão do espaço após o tal big bang.

Stephen Hawking parece não ter dúvidas quanto a esta situação, que aparenta ser de uma lógica inquebrantável...

Mas, se analisarmos de forma mais profunda as próprias bases das ciências “exactas”, poderemos ter uma visão mais completa e de contornos mais definidos do que são os fundamentos para as teorias, e de como esses

fundamentos são apenas fugazes réstias da emoção humana perante o eterno desconhecido: a vastidão do Universo.

O que é o Tempo? O que é o espaço? O que é a energia e como se mede esta força?

Poderá um elo minúsculo (ser humano e planeta Terra) alguma vez obter as “chaves” deste mistério?

Parece tudo tão certo na matemática, nas leis do mundo físico, e até na física quântica, que o mais certo é, de facto, os princípios fundamentais estarem errados.

Digamos, portanto, que há uma falha na “lógica do sistema de pensamento” ocidental.

Digamos que todas as fórmulas são o fruto de especulações teóricas abstractas, sem conexão directa à “verdadeira realidade”.

Digamos que as medidas que julgávamos absolutas (espaço, energia, etc) são apenas relativas, pois variam na mesma proporção apenas e só no nosso contexto visível.

Digamos que o espaço apenas se expandiu nessas teorias, porque parece lógico ao ser humano que isso assim seja, na sua visão sempre relativa e conjuntural.

Será o átomo estruturalmente idêntico ao sistema solar?

Poderão ser os planetas apenas electrões, com órbitas à volta de um núcleo?

Sabemos o que não sabemos:

A física quântica explica as propriedades das partículas mais ínfimas da matéria;

As leis do mundo físico explicam a realidade à nossa dimensão.

O “Santo Graal” das ciências exactas será a união destas duas vertentes científicas (segundo os especialistas).

Mas, se esses mesmos especialistas continuarem a dizer que o espaço se expandiu, pouco haverá a descobrir... e o mistério continuará, sem que haja grandes avanços.

Imaginemos que a realidade que vemos apenas é grande para nós, seres humanos que, medindo-a à nossa minúscula escala, nos parece imensamente grande, absurdo, ameaçador.

São preferíveis, sobretudo em Ciência, as fórmulas pedagógicas às fórmulas absolutamente exactas. E são preferíveis porque seria excelente a transmissão dos segredos do Universo ao maior número de pessoas, para que o manto de silêncio patológico – ou seja, o medo – não triunfe sobre a vontade das populações em saber os dados científicos que aparentemente

estão guardados pelos “especialistas”, qual segredo inviolável que não se deseja revelar...

O “espírito da ciência” não é nem foi nem será abastardado pela transmissão generalizada do saber às populações; esse espírito científico foi e é traído pelo poder político, como o demonstra o caso da utilização completamente abusiva das bombas atômicas em Nagasaki e Hiroxima contra a vontade expressa da comunidade científica da altura...

Existe também uma indefinição muito útil em termos políticos em volta da quantificação da energia dos buracos negros- num futuro próximo se compreenderá melhor esta afirmação.

E existe uma negação do ocidente, uma negação quase infantil, a tudo o que não seja directamente mensurável, ou seja, tudo o que não seja facilmente convertido pela tecnologia em arma...

5. Atravessar na diagonal as passadeiras

(as pessoas sentem-se protegidas
pela aura de legalidade da passadeira)

Sejamos claros: atravessar a direito nas passadeiras - ou em qualquer outro local - não dá gozo nenhum. Poderá ser: racional, consciente, de bom senso, e até o pior que tudo: legal; mas não dá gozo. Nem um bocadinho. Já atravessar na diagonal uma passadeira equivale ao traque traquina do bebé: os pais enchem-se de orgulho e as pessoas à volta elogiam e acham pilhas de graça.

Até na arte isso é assim: Mondrian é só linhas rectas, mas é chato, muito, mesmo muito chato. É preferível mil vezes Klee, ou Kandinsky. Muito mais emotivos, sonhadores, muito mais curvas do que rectas, muito mais nuances de cor, e não apenas cores primárias aplicadas a régua e esquadro.

Não nos iludamos: quando se diz que A ou B fez mal em atravessar na diagonal a estrada; metade na passadeira, metade na estrada, está-se a cortar a criatividade dessa pessoa - é isso o que está em causa. Porque as linhas rectas não dão saúde a ninguém. As linhas rectas são o oposto da criatividade, seja no meio de uma qualquer estrada, ou numa pintura. Só talvez em

arquitetura elas sejam preferíveis às curvas, e mesmo aí há dúvidas, como Hundertwasser e Gaudí demonstraram de forma cabal e inequívoca.

Quando se critica uma pessoa dizendo: "- Olha ! Aquele descobriu agora que o caminho mais curto entre dois pontos não é uma recta!", está-se a afrontar o direito de um bêbado a encontrar o melhor caminho para casa. E, veja-se bem, o melhor caminho não é o mais curto; é, isso sim, o caminho que o espírito toldado desse pobre homem encontrar, sendo que, qualquer que seja a solução para esse problema, a criatividade foi estimulada, e não uma resposta automática de pseudo- racionalidade, pré- formatada e socialmente aceite.

E é por isso que as pessoas preferem passar fora da passadeira: é preferível a quebra criativa da norma do que segui-la à risca. Mesmo os polícias compreendem instintivamente este pequeno risco calculado, e quando estão fora de serviço fazem o mesmo. De facto, se é obrigatório atravessar na passadeira, ao menos que se siga um caminho na diagonal - para quebrar psicologicamente a regra, e se possível na parte final deve-se atravessar fora da passadeira, para demonstrar a discordância total com esta norma do código das estradas. A subversão das regras deverá ser a única regra: "- Sou um cidadão que paga os seus impostos,

tenho Bilhete de Identidade, pago as contas ao fim do mês, mas desta forma demonstro que estou fora do sistema - o sistema é burocrático ? - então esse sistema é dos outros, eu não lhe pertença"

Existe, em Portugal (e talvez em todo o lado) o horror à previsibilidade. E, para evitá-la, os cidadãos tentam fazer no dia a dia pequenos gestos que sejam únicos, pessoais e intransmissíveis. Ama-se a criatividade, desde que essa seja expressa apenas em gestos pequenos e aparentemente vulgares. Ser artista ? - Demasiado especial. Não pode ser. Tem de haver algo que seja mais anónimo que isso. Ler livros sobre feitiçaria ? - Demasiado específico e até perigoso. Mais, muito mais anónimo. Mas também muito mais reconhecido socialmente. Ser maestro de uma orquestra sinfónica ? - Muito elitista. Atravessar as passadeiras na diagonal ? - É isso! Na mouche...

6. A Fobia à autoridade

(quando precisamos deles não os vemos; quando os vemos são a última coisa de que precisamos)

O genial Grouch Marx respondia, num dos filmes dos Irmãos Marx, à pergunta: “- Você é um homem ou um rato?”, com o surpreendente: “- Ponha-me aí no chão um pouco de queijo, e já vai ver o que eu sou!”.

Vem isto a propósito da relação conturbada, dir-se-ia do jogo do gato e do rato, entre o cidadão e o polícia; quando precisamos deles não os vemos e quando os vemos, precisamos de tudo menos do seu olhar inquisidor sobre as nossas mais ínfimas acções e comportamentos.

Quem é quem neste jogo, se gato se rato, é algo que nunca soube destrinçar: por vezes o cidadão é o rato, quando e se apanhado em flagrante delito pelo polícia; outras vezes, será o polícia a ser apanhado em armadilhas de cidadãos, quer para escaparem impunes a qualquer punição, quer para atentarem contra a sua integridade física.

A fobia do polícia. A própria presença, quer fisicamente quer apenas psicológica, da autoridade, desencadeia um temor e tremor que não deixa de ser de interessante análise.

Porque é que os cidadãos cumpridores se sentem ameaçados pela autoridade, tão ou mais ameaçados

do que por um qualquer ladrão ? – não parece fazer sentido. Mas que esse temor existe, ai isso existe.

E existe uma única forma de relativizar este medo interior: através do discurso. Chamamos-lhes de bloody cops, de bófia, para assim tornar a sua autoridade uma quase paródia, relativizando a sua força na realidade do dia a dia.

É importante relativizar; desde crianças que inventamos jogos para que a autoridade dos adultos se nos torne exterior, não tenha em nós qualquer tipo de influência: é um escudo protector, uma barreira invisível, na qual o recém- formado adulto encontra abrigo para os seus receios mais profundos, para as perguntas sem resposta da infância que se teve de viver cedo, demasiado cedo – o buraco negro das emoções, aquele espaço vazio onde existem sons e imagens inomináveis, mas não significados.

E há, depois, o medo do ridículo de ser autoridade – e os polícias conhecem-no bem, ainda mais porque, em Portugal, e após um 25 de Abril feito em cima do joelho e cheio de nacional porreirismo, interessa sempre mais desculpabilizar tudo e mais alguma coisa, do que fazer cumprir uma lei que é sempre demasiado abstracta e genérica; um grande saco, onde cabe tudo, menos o que está à vista diante dos olhos.

Ser autoridade é um fardo: está-se demasiado visível, tem de se tomar demasiadas decisões a la minute, nunca se agradando nem a gregos nem a troianos. É demasiada responsabilidade para um cidadão português, que foi sempre habituado ao: “Tudo é relativo...”, que alguém já há muito tempo, aplicou ao país.

Quem quiser ser polícia, só tem o apoio da mãe e dos amigos de infância.

Para dizer a verdade, é mais o medo de ser autoridade do que o medo da autoridade, por parte do cidadão.

E todos o sabem. Porque a portugalidade corrói...

7. Pessoas à nossa frente nas escadas
rolantes que não nos deixam passar
(precisam de uma buzina?)

Já com certeza encontraram pessoas que, mui descontraidamente, permanecem à nossa frente em escadas rolantes, apesar dos nossos variados e inglórios sinais de que precisamos desesperadamente de passar adiante.

Interrogo-me se essas pessoas são mesmo distraídas, ou se se fingem de distraídas, para assim observarem todas satisfeitas a ansiedade dos outros, de forma a poderem analisar sociológica e psicologicamente os óbvios sinais de quase loucura do seu vizinho de circunstância das escadas rolantes.

Há até um clube que foi fundado há alguns anos, e, segundo sei e também pelo que vejo, já terá umas largas centenas de sócios:

O Clube dos Outros - assim se intitulam.

Mas, perguntam vocês, e perguntam bem - dos *Outros*, porquê ?

E a resposta está à vista de todos, é mesmo muito fácil de compreender: é que, se alguém se enerva nessa escada rolante, ou noutra sítio qualquer, esse alguém nunca sou eu - é sempre... o outro !

Há, nesta existência tão urbana na qual nos embrenhamos diariamente como se na realidade não houvesse outra, um estigma: o stress. E há sempre uma desculpa para as nossas acções mais intempestivas: *é o stress; desculpe-me*.

Há mesmo quem, nesse Clube dos Outros, diga a todos os outros e sempre: estou stressado - para assim o deixarem passar mais facilmente, ou para fazer algo que pareceria estranho em situações normais.

O Clube dos outros só é ultrapassado em desculpas pelo Clube dos Dias: - Quando quer que eu vá a sua casa? - Bom, venha talvez amanhã... ; - A que horas é o jogo ? - É mais logo... ; - Quando te reformas? - Um dia destes...

Mas voltemos à nossa estimada escada rolante.

Pode ser no caminho para o carro, no supermercado; pode ser numa estação de metro; pode ser noutra sítio qualquer: a verdade é que as pessoas calmas têm sempre um álibi para essas situações; - Você é que está stressado ! ; - Eh! Calma! ; - Olha para aquele...!

O que se passa aqui é a típica doença dos nossos tempos: o síndrome da dupla curvatura do Tempo.

Ora, para explicar esta maleita socorro-me agora das notas da célebre obra inexistente do professor Carle Strogovski:

“O síndrome da dupla curvatura do Tempo é a diferença entre uma pessoa que tem muito desse tempo para gastar em tarefas nem sempre importantes, e outra que tem coisas importantes para fazer, mas pouco tempo – este fenómeno é sintetizável em dois esquemas matemáticos, cujos eixos são: tempo e tarefas, e traduzem-se em duas curvas, uma côncava, outra convexa. E o resultado desta diferença na vida das pessoas é aquilo que se designa vulgarmente por stress.”

Ufa... Obrigado, professor, volte sempre (ou nunca mais).

E pronto. Assim se descobre que, por detrás de qualquer sentimento humano, há sempre uma lógica matemática e uma verdade científica inabalável.

Como Queríamos Demonstrar. O facto foi provado - venha o próximo!

8. Cuspir para o chão

(marcar território/ touro a esfregar
as patas no chão da arena)

Há quem diga que cuspir no chão é uma grande falta de educação - será ?

Quem cospe no chão poderá estar realmente constipado. Ou não ter um lenço. Ou as duas coisas.

Cuspir no chão é o equivalente, no toiro, ao raspar dos cascos na arena, antes de investir para o cavalo e cavaleiro.

É, no fundo, um: "-Estou aqui!", ou seja, é como que uma mensagem numa garrafa deitada ao mar, para alguém se lembrar que nós existimos, e que também somos humanos, e estamos em profunda solidão.

É, por isso, muito mais do que um acto de quase anónima javardice diária: é um meio de comunicação da mesma estirpe de uma obra-prima da pintura, pintada, não por Da Vinci ou Picasso, mas pelo vulgar Zé da Esquina ou António do tremoço às quintas-feiras, que assim demonstram que também sabem fazer obras primas, mas sem as caganeirices dos artistas, *esses larilas pedantes*.

Cuspir é, portanto e também, marcar um terreno como nosso: "- Eu cuspo neste exacto sítio, e não noutra: logo, este território e não outro é meu,

pertence-me pelo direito desta cuspidela.". O cuspo é sempre sagrado, as pessoas - homens e mulheres - não andam para aí a deitá-lo fora sem qualquer razão aparente: é algo de muito importante, intrínseco, mesmo, à condição humana.

Dá-se muito pouca importância às cuspidelas, mas elas estão cheias de sabedoria.

E, neste mundo citadino, feito de vidas banais e destinos que não se distinguem uns dos outros, cuspir no chão é talvez a forma mais perfeita de sair do anonimato, de *fazer obra*: "- Em casa a minha mulher bate-me, o meu putto não me liga nenhuma; no emprego sou um zero à esquerda - mas hoje já cuspi duas vezes, com uma técnica inovadora: atirar o cuspo para o ar, em pose acrobática, esperando até ao último momento para me desviar, na sua trajectória para o chão, e pelo menos 6 pessoas observaram-me e uma até me aplaudiu, meio envergonhada: é isso que fará a diferença, na decisão de Deus me enviar para o Céu ou para o Inferno. Agi bem, já ganhei o dia".

Cuspir no chão é mais do que transmissão de um hábito passado de geração em geração: trata-se de autêntico e profundo conhecimento, toda a ideia de civilização assenta sobre estes pequenos momentos de iluminação espiritual diários.

É uma espécie de masturbação intelectual, ou oração: há quem goste de cuspir sozinho, outros gostam de ser observados a fazê-lo, para assim

demonstrarem toda a sua mestria técnica e sentirem o apoio popular à *grande arte*, mas o que é comum a todos estes actos isolados é a comunhão a um ideal que a todos une: cuspir em público é um acto religioso, da mais profunda fé, não na religião cristã, mas da devoção aos deuses pagãos que a Inquisição etiquetou como demoníacos.

Trata-se do culto da natureza e das suas divindades: estar bem com a mãe terra é o mais importante - qual javardice, qual quê ! Como é que estar em equilíbrio com a natureza é algo de mau ??

9. Ter vários telemóveis

Para ser melhor que o vizinho – essa competição tão em voga na sociedade portuguesa – é preciso várias coisas:

1. Ter um emprego melhor
2. Ter uma mulher mais bonita
3. Ter mais filhos
4. Ter uma casa mais cara

Ora, se tudo isto falhar, existe um remédio milagroso:

- Ter mais um telemóvel que os vizinhos.

É certo e sabido: ter mais telemóveis confere uma aura de superioridade, de magnificência, de nobreza, até, a quem seja o seu possuidor. Ter um telemóvel? – É bom. Ter dois telemóveis? – Excelente, mas não muito raro. Ter mais do que dois telemóveis? – Só os grandes senhores.

Um telemóvel é, na era moderna, o equivalente aos artefactos de riqueza que os antigos reis levavam para o túmulo, julgando assim que iriam ter, na vida seguinte, o mesmo poder. E, mais do que poder, um telemóvel dá ao seu dono o *status* social que ele tanto procura durante anos e anos.

Há até quem leve, actualmente, os seus telemóveis para a sepultura, como faziam os antigos – é uma

moda moderna, que no fundo imita tais rituais do sagrado e do pós- morte.

De facto, e por muito que a Sociologia evolua, tentando explicar os fenómenos da sociedade sob um novo prisma a pessoas que se deseja tenham uma mentalidade também ela nova, esta disciplina social está umbilicalmente ligada à Antropologia que, essa sim, estuda as antigas sociedades humanas e, por isso mesmo, força o homem a compreender a evolução do pensamento e das vivências, desde as sociedades ditas primitivas até tempos mais recentes.

Assim, se o desejo (fomentado por uns Mass Media cada vez mais irresponsavelmente panfletários do capitalismo puro e duro) de ter mais um ou dois telemóveis que o vizinho seria talvez explicável pela Sociologia, é no entanto à Antropologia que deveremos ir buscar o completo entendimento do estatuto psicológico que o ser humano associa à posse do telemóvel.

Seria tal fenómeno explicável pela sacralidade da comunicação, da domesticação da linguagem (esse universo simbólico tão belo quão desconhecido), atestada pela evidente força do *meio* (o telemóvel) que permite essa comunicação?

Será, por outro lado, a tentativa de buscar valor humano a um objecto aparentemente carecido de vida biológica autónoma?

Seja como for, o telemóvel já se tornou essencial à vida cidadina. E, enquanto grande parte da humanidade continuar a viver em grandes cidades,

parece que a sua importância sociológica tenderá a crescer ainda mais.

É caso para dizer:

- Não matem o mensageiro - ele não tem culpa da mensagem...

10. Tossir em concertos de música clássica

Estar num auditório a ouvir um concerto de música clássica e não tossir é o mesmo que ir à missa e não rezar. É triste. É estranho. É indesculpável.

Mais do que isso: é um pecado mortal. Já tossir em plena música é uma bênção: há sempre alguém nestes concertos que detesta música clássica, e assim essa pessoa sente-se menos sozinha - um acto de misericórdia, de comunhão com a solidão alheia, que assim se torna partilhada.

Uma tosse que se quer seca, curta (para se poder repetir quando se quiser), nem muito frequente para não ser demasiado incomodativa, nem muito ausente, para se saber que se pode sempre contar com ela no momento certo.

Tossir ao longo do concerto é essencial, para se ir ganhando fiéis a esta religião: a religião do Tossismo; eu tusso, para que tu possas sentir-te menos sozinho nesta estopada; e, quando eu me sentir sozinho, serás tu a tossir, para me distraíres desta mesma estopada. Seremos, tu e eu, um só, tossindo para fugirmos juntos para o mundo dos sonhos de todas as tosses deste mundo, para fora desta estopada.

Porque são assim, as estopadas: vêm aos magotes, sem freios nem condutores, e apanham-nos com as calças na mão (ou melhor, arrebanham multidões incautas em salas gigantescas), e nós apenas temos, para lhes escapar, a nossa tosse.

A tosse é, assim, tudo o que de mais sagrado o indivíduo tem: é um grito de revolta, a mais bela flauta, o mais ribombante fagote, o mais poético piano.

Stravinsky, Mozart, Beethoven, Puccini apenas são derrotados pela melodia de uma singela e sincera tosse.

Humildes, como são todas. Honestas, como a tradição das tosses mediterrânicas impõe. Austeras, como as da Baviera. Sozinha, melancólica, autêntica calamidade para os mais cultos, mas o budo aos pobres do povo, a tosse é a mais alta expressão do génio humano.

Se a música é o sonho, a tosse é a realidade.

Se o violino, e violoncelo, e contrabaixo, e o tambor são o céu, a tosse é o despojamento de tudo isso, restando apenas o amor.

Se se vai algum dia a um mercado, ouve-se música clássica, ou tosse?

Se se vai à bola, ouve-se música nas chuteiras, e o golo é grito, seguida de tosse.

Não é natural; há imensos ruídos que podiam e deviam ser música. O chocalhar dos tachos, o cair de uma pedra. O quebrar de um vidro. A inveja. O ódio.

E não o são, porquê?

Porque há uma dúzia de iluminados que não gostam de ouvir tossir em concertos de música clássica!

Aprendam a sabedoria dos tempos. Aprendam a ouvir todos os Velhos do Restelo.

Tenho de dizê-lo, antes de partir, em consciência:

Tossir? A tosse é uma ciência!

11. Passar na estrada lentamente, como se houvesse alguma prioridade invisível

Os peões são muito giros. Eles têm certos direitos que não estão inscritos na lei: são direitos sagrados. Como por exemplo: atravessar fora da passadeira – em qualquer sítio, não importa. E todos, até os condutores, lhes reconhecem esses inalienáveis direitos.

Em plena estrada, atravessar para um lado e depois para o outro; é giro, e quem vai a conduzir desculpa-lhes isso com todo o gosto, dizendo de si para si: *tem calma, amanhã serás tu*. É um direito sagrado mútuo, portanto. E os peões aproveitam, atravessando com o maior à vontade, da forma o mais pachorrenta possível, como se estivessem a passear um cão invisível, que tivesse de urinar nas rodas dos carros à frente, também eles invisíveis.

Este é, afinal de contas, o país da calma invisível. Calma, porque o stress ainda dá tréguas em alguns lugares, e o povo português parece ter encontrado o antídoto genético ancestral para o combater; e Invisível, porque tudo parece ter uma lógica que não é a lógica da racionalidade: há sempre alguma razão escondida para fazermos as coisas da maneira como elas sempre são feitas.

E os peões, esses, aproveitam-se deste estado de coisas. Há muita bondade, desde há muito tempo, neste povo, que tudo desculpa, sobretudo a quem vem de fora: Brasileiros? - Têm imensa piada! Alemães? - Óptimos patrões! - Franceses? Aparte o

chauvinismo, tudo bons rapazes! Espanhóis? – Ah!, quem nos dera pertencer a Espanha!

E a estrada é afinal uma construção humana, feita de coisas anti- naturais: betão, metal, onde circulam imensos carros, que fazem muito barulho e poluem o ambiente: todos o sabem!

Deste modo, atravessar calmamente na estrada equivale a passear no campo: talvez naquele lugar tenha havido uma estrada feita pelos romanos, cheia de pedras: mas ó compadre, isso foi há imenso tempo! Vai-se lá a gente lembrar de uma coisa do diabo dessas!

É o que eu dizia há pouco: a estrada é invisível, perante a grande humanidade do portuga esperto. Este povo é sábio. Este povo gosta das tradições: o Benfica ganhar; o governo desgovernar; o artista penar; e lá em casa (sempre remediada), comer e arrotar e chorar por mais.

É esta mentalidade, é ela que nos faz únicos. Em humanidade nem os bifes nos fazem frente, asseguro-vos.

Há algo de profundamente poético em atravessar fora da passadeira, de um lado ao outro da estrada: os carros diluem-se, as faixas de rodagem parecem riscos de criança num caderno escolar, e aquele ser maravilhoso que ali está, tão humano, afirmando a plenos pulmões a sua discordância (ou desconhecimento, o que é ainda mais poético) com as leis do código das estradas, só pode ser um iluminado.

Se for uma adulto, tem menos desculpa, mas passa. Se for uma criança, está de per si desculpada: é

jovem, não pensa, que giro. Se for um velhinho, até saímos do carro para o ajudar: coitadinho, tem desculpa.

Há sempre uma vintena de boas razões para desculpar as pessoas que passam fora das passadeiras: há toda uma gama de vastas possibilidades - assim haja bom coração e vontade política...

Atravessar a estrada é como dar os primeiros passos: caramba, ninguém nasce ensinado!

12. Acelerar quando algum carro
quer fazer uma manobra

Tenho para mim que uma das chaves para se compreender a totalidade da personalidade colectiva dos portugueses está na fracção de segundo em que, vendo um outro carro que tenta entrar na sua faixa, aceleram loucamente para o não deixarem passar.

E é aí, nessa fracção fratricida de segundo, que devemos encontrar a solução psico- sociológica para todo o comportamento de uma nação.

É que... num só segundo se entende muitas coisas sobre o que é ser-se português. A mesquinhez, a humildade saloia, a inveja sempre malsã, este mal de viver, as vistas curtas – tudo, absolutamente tudo, é analisado a uma lupa grotesca, nesta fracção da existência que se resume a um acelerar desmesurado, como que para apanhar a última vaga no autocarro para o céu...

É que, se este acelerar se resumisse a uns aceleras... mas não!; tornou-se endémico, espalhando-se como um vírus maligno a toda a população condutora, e até alguns peões já começam a utilizar processos semelhantes: avançar resolutamente para as passadeiras, obrigando os condutores a grandiosas travagens, com chiadeira de pneus incluídas no pacote do paga- um- e- leva- dois, para gáudio da população em fúria nas paragens de autocarros.

Mas, porquê? O que nos leva a acelerar, apenas para não deixar outrem passar-nos à frente? – Será para

chegarmos a horas ao casamento? – Será para nos vingarmos da seca desse mesmo casamento? – Será pela frustração do velório? – Será pela carga negativa ancestral do povo tuga? – Será por causa do apelo interior de Velho do Restelo que há em cada um de nós?

É que, por este andar, até parece uma acção de bondade o deixar passar, e de tal forma assim é, que a outra parte, seja condutor ou peão, nos agradecem efusivamente a passagem, apesar de: a) ser perfeitamente normal no caso do outro condutor e: b) o peão estar numa passadeira, o que lhe confere o direito, por lei, de passar, tendo o condutor, esse sim, de esperar.

Com o tempo, formou-se uma nova ordem de fazer as coisas, um novo código das regras dos caminhos de Portugal – o *Código Intuitivo das Estradas* – e todos, de uma forma ou outra, o seguem escrupulosamente e, quando se apanham a si próprios a: agradecer ao condutor a passagem apesar de estarem numa passadeira; a deixar mesmo passar o carro, para impedir um previsível atropelamento; a acelerar quando deviam deixar passar o outro carro, numa primeira fase da consciência acham normal, mas numa fase secundária de discernimento (quando o intuitivo mais imediato encontra a linguagem), começam a aperceber-se de quão estranho é o seu comportamento, para lá das aparências da normalidade.

Afinal, não há nada de mais honesto do que ser-se normal... E parece, mais do que nunca, verdadeira a expressão: Em Roma, sê romano...

13. Ir ao café/ O café português

No imortal Casablanca Bogart dizia, no seu jeito desprendido, que tinha ido para Marrocos por causa das águas. Quando lhe fizeram notar que Casablanca ficava num deserto, ele não se mostrou minimamente surpreendido ou preocupado com a aparente contradição, e frisou apenas: “- Pois... Informaram-me mal!”.

Os cafés portugueses parecem-se muito com os desertos africanos: somos irresistivelmente atraídos para esses lugares misteriosos, mas quando lá chegamos não era bem aquilo que esperávamos encontrar. E porquê? – Pois, parece que somos sempre mal informados, como Bogart.

Passo a explicar:

- Em vez de ar puro, um ar irrespirável de todos os fumadores do bairro que até fazem greve só para irem fumar para o café, que condiciona toda a estadia no dito;

- Em vez de uma mocita nova, simpática e atraente a servir à mesa, um grunho a palitar a dentuça e a fazer alarde disso em frente a toda a gente;

- Em vez das últimas de Paris ou Nova Iorque, o boato mais recente da vizinha do 5ºD que a porteira contou ao Sr. Júlio da mercearia e que depois a sua filhota mais nova contou ao senhor do café, que se

faz e fará sempre rogado em contar pela enésima vez ao incauto visitante do seu estabelecimento

- Em vez de paisagens aprazíveis, a barriga e respectivo carrinho de mão do dono desse mesmo café

Pois é. Os cafés nunca são o que esperamos deles. E seria tão fácil agradar ao dócil cliente !

Nos cursos de sociologia os professores mais velhotes ficam acabrunhados quando têm de confessar: “- Por incrível que pareça, os estabelecimentos comerciais mais frequentes no nosso país *ainda* são os cafés ! Todos nós já vimos o célebre café da esquina! O sonho do português parece ser amealhar umas economias até ter o seu próprio café!” E terminam com a conclusão de que Portugal nunca será um país desenvolvido com este modelo económico, e com um grande suspiro, logo seguido de risos interiores dos alunos.

Os cafés são um incómodo, essa é que é essa. Têm croissants extremamente secos, de há vários dias, como bacalhaus ou tabaco a secar. E se perguntarmos ao dono se aquilo está comestível, a resposta é, invariavelmente: “- Está fresquinho!”. E se perguntamos se o produto é daquele dia, obtemos um hiper- defensivo e sempre desculpável: “- Acha que eu tinha aqui croissants que não fossem do próprio dia??”

Nada há de mais fácil do que aligeirar o aspecto interior dos cafés portugueses. Há sempre coisas lá da terra, como azeite, vinho, ou azeitonas, com um aspecto terrível, mas safam-se na boa se a todos dissermos: “- É lá da terra!”, juntando-se imediatamente chusmas de população a querer provar primeiro. Faz lembrar os mirões nos acidentes das auto estradas: ninguém desgruda até ver um pouco de sangue e, mesmo que açoitados pelos poucos polícias de serviço, há um estranho magnetismo que nos faz querer voltar atrás, para provar o gosto da verdadeira realidade de novo.

O café português é a autêntica medida da ambição do nosso povo. Ambição pequena, de um povo remediado, não mais do que isso.

14. Desprezo pelos políticos

(votamos nos 2 únicos partidos que chegam ao poder e depois dizemos que foram os outros que votaram neles)

Existe, na vida pública, um estigma. E esse estigma murmura ao ouvido do ímpoluto cidadão, baixinho: Votarás no PS agora; Votarás depois no PSD; E, de cada vez que te perguntarem se votaste no partido que chegou ao poder, tu renegarás esse partido, seja ele o PS ou o PSD !

Existe, acima de tudo, medo:

- Medo de se ser demasiado visível na vida pública;
- Medo de se ser previsível;
- Medo de se pertencer à maioria que elegeu- quem-elegeu
- Medo que se diga: - Olha! Aquele votou PS (ou PSD) ! Já viste o desavergonhado?;
- Medo, no fundo, de existir...

Existir é, para muitos - e sobretudo para os portugueses - , um fardo. Um fardo quase invisível, e quando nos perguntam - e sobretudo aos comerciantes - : - Então como vai? , eles sempre respondem: - Vai-se andando!

Repare-se bem: não se efectua movimento, um ir do ponto A ao ponto B, não se vai; é-se como que arrastado pelas orelhas, como se fosse a vida que ganhasse vida e nos emprestasse um bocadinho dessa mesma vida, de molde a conseguirmos fazer esse percurso...

É sempre assim: não somos nós que vivemos a vida: é ela que nos vai vivendo, ao sabor do nevoeiro dos dias, e é isso mesmo que se quer significar neste: - Vai-se andando!

Voltando aos partidos: é um fardo votar. Inventamos sempre mil e uma desculpas para não ir votar: - Estou farto deste circo partidário! ; - Eles só querem é poleiro! ; - São todos iguais! - e, no entanto, de todas as vezes que o dizemos, sentimos dentro de nós uma espécie de consciência da solidariedade: *deixa-me mas é ir votar; caramba, todos os outros vão, tenho de ser solidário para com esses pobres diabos...*

E todos esses pobres diabos, incluindo nós, vão a essas catedrais da vontade inexistente, da esperança pouca, e da decisão alheia. E, de todas as vezes, sentimos primeiro um peito cheio de responsabilidade, e orgulho em coisa nenhuma, ao mesmo tempo que o tempo se encarrega de dar razão a quem lá não foi, a esse altar do silêncio contemporâneo.

Tem-se sempre vergonha do que lá se fez, essa é que é essa: quem votou no PS, porque chegou ao poder e, portanto, se pertence à maioria (um dos pecados

mortais); quem votou PSD, porque se foi derrotado (outro pecado, mas este bem menor); e quem votou nas outras minorias, porque são sempre e sempre serão derrotadas, não tendo direito nunca ao já mítico *poleiro* (este não chega a ser pecado, é mais uma pequena e simpática fatalidade). E, a acrescentar a estaimensidão de genuínas, dilacerantes e cumulativas vergonhas, a vergonha suprema: quem votou no partido que chega ao poder nunca o poderá confessar (ou então jura perante Deus que está arrependido, esse tão nobre e sentido sentimento), e, em discussões de café, são sempre responsabilizados os sócios do também mítico Clube dos Outros: - Eu? Eu, não votei neles! O outro, esse sim, é que votou nessa porcaria!

E porquê, esta vergonha? Justifica-se?

E a resposta é: -Sim, justifica-se. Porque, - e todos o sabem, mesmo os que se fazem passar por inocentes - , quem chega ao poder nunca faz aquilo que disse que ia fazer, antes faz sempre aquilo que omitiu na campanha eleitoral.

O barómetro da mentira dos políticos é sempre um e um só: o aumento de impostos. Já se sabe: quem quer chegar ao poder nunca poderá admitir que vai aumentar os impostos; e deve até deixar subentendido que fará tudo ao seu alcance para baixá-los; mas, quando já chegou ao tal mui desejado *poleiro*, será a primeira coisa que constará da sua agenda: - Pedimos desculpa, mas ... ; - Não sabíamos que a situação do país era tão má ... , e toca de aumentar os impostos! É certo e sabido!

Ah... Como é previsivelmente belo o político português...

15. Não se é profeta na sua própria terra

(artistas portugueses geniais
esquecidos em Portugal)

Todos nós conhecemos algum escritor ou pintor ou cantor muito talentoso, mas que, perdido neste fim de mundo tão anónimo e com um tão minúsculo *mercado* (ah, o *mercado*, esse messias moderno), não tem mais perspectivas do que um caracol num deserto. A este fenómeno se associa frequentemente, não sem alguma condescendência por esta forma limitada de se ser português, o ditado popular: “Não se é profeta na sua própria terra”. E, no entanto, seria tão simples ser esse tal profeta! ; bastaria para isso que os críticos literários e de música fossem realmente imparciais, e que as galerias de arte moderna não se vendessem ao sistema do já referido *mercado* e da inflação galopante dos *nomes consagrados*. Seria, no fundo, muito simples: bastaria apenas que as coisas fossem feitas com seriedade, e que fosse a qualidade o que fizesse a diferença para se julgar a obra de um autor.

Mas não é. E é preciso, para que esse autor seja falado nos meios artísticos, que um acontecimento de primeira grandeza ocorra. Esse acontecimento é capaz de desencadear, no coração mais empedernido, um grito interior de comoção: o autor só se torna autor após a sua vida passar, e será a morte a colocá-lo por instantes junto dos grandes

vultos de um passado- presente- deserto que se deseja sempre aos incompreendidos.

Então, nesse momento de júbilo e de exaltação da recente ausência, os jornais e televisões cantam, encantadas, aos quatro ventos, a enorme qualidade da obra de um tão original artista, que tão mal-amado foi no seu tempo (mal amado pelos críticos que agora o aplaudem de pé, num tempo que é o nosso), e a fugaz vida, e as características tão peculiares da sua personalidade, e blá blá blá ...

É que, meus amigos, a morte tudo alcança, e até a inveja alheia deita por terra durante uns breves segundos, para de novo a modorra cultural se instalar de armas e bagagens nos meios de comunicação social. É a vida, lenta e sonsa, que volta, arrancando-nos de novo das garras de um qualquer génio obscuro que, ele sim, nos quer transformar em algo de anti- natural: que vejamos a vida ao contrário, tão de repente que possamos de novo ser um pouco de gente...

E, neste esquecimento, todos somos de alguma forma cúmplices: é o silêncio social que exprime a gritante falta de cultura individual de cada um de nós. Mas, há sempre alguém que compreende esse autor genial desconhecido, e esse alguém que o compreende sempre se cala, como que para adormecer ainda mais as consciências, como que para nos dizer a todos: *não, não é tempo ainda de acordar deste nevoeiro.*

Não seria, de facto, difícil reconhecer a genialidade: seria apenas preciso que os especialistas não se refugassem na monotonia e cobardia dos livros sobre os mestres de além- mar.

Mas, lá está: talvez fosse profundamente estranho o nascimento de um grande talento português, que nos fale em português, que seja intrinsecamente lusitano.

É que a genialidade pode e parece tornar-se incompreensível, se ela for expressa na nossa própria língua...

16. Estudar apenas na véspera dos Exames

Estudar consome células cinzentas - é sabido. Estudar é uma seca, excepto para os marrões - também é certo. Sendo assim... para quê estudar demasiado?

Portugal é conhecido pelo número mágico: o 13. Não, não é de: Sexta-Feira, 13. É que... 13 é a média dos alunos que não se querem esforçar muito nas universidades... Pois é - e têm sempre uma média de 13 valores em 20, quando de lá saem. Os professores sabem-no de antemão. E os alunos que de lá vêm com essa média ficam-no também a saber no final.

O ensino, em Portugal, é uma coisa problemática: há muitos alunos? Ah, pois há. Mas esses mesmos alunos têm horror a ser considerados marrões; este é o país do cinzentismo, da burocracia, da poupança de esforço, seja este esforço físico ou intelectual (já que o mesmo nunca será, em vida, recompensado), da anónima mediocridade, expressa, não em resultados também eles medíocres, mas pela supremacia, nas Escolas, da venerada e mítica *média*. E, se num domingo solarengo, um pachorrento pai perguntar a um amigo, também ele um pachorrento pai de um outro rebento: - Então, como vão as notas do teu filho?, receberá um vigoroso e orgulhoso: - Ah, eu não me preocupo com isso; olha, estão na *média*!

Existe, no nosso triste e remediado país, o horror à excepionalidade, ao sair da média; e, por vezes, até

é melhor estar abaixo da média, do que muito acima dela, pois tal estranha e inaudita coisa seria logo por todos considerada uma aberração.

De facto, quando o rebento nasce, os pais logo dizem aos vizinhos, amigos e familiares: - O que é preciso é que nasça normal, e que tenha saúde - repare-se que o normal vem antes da saúde. Existe horror à quebra da normalidade. E, convenhamos: ser normal implica ter, na Escola, notas que não fujam a essa mesma média: é o culto da Normalização; é a ditadura da Normalidade.

Assim, não se estranhará que tenha surgido, nesta nova religião, uma também ela inovadora forma de rezar: estudar muito, mas num curto espaço de tempo, para custar menos, dizem alguns, uns dias antes do exame. Desta forma, a memória estará ainda fresquinha, e depois o aluno logo se esquecerá de toda aquela trapalhada, para de novo, na véspera de um outro exame, engolir de chofre mais umas centenas de páginas: é o estilo de ensino que temos, não podemos esperar milagres da capacidade de memorização das cobaias a quem chamamos de estudantes...

17. Artigo sobre distúrbios alimentares

As sociedades modernas caracterizam-se pelo ávido e ininterrupto consumismo. Mas também se caracterizam pela era da “comunicação”: tudo e todos se reduzem a actos de transmissão de mensagens mais ou menos directas, mais ou menos compreensíveis.

Este não é o Tempo dos “grandes criativos”; este é o Tempo da publicidade agressiva, do infame “ensino por imagens” (de um Sionismo cujo conteúdo e importância os europeus teimam em desprezar, para desgraça do povo árabe) e do corpo humano enquanto objecto- sinal.

Houve um certo dia, perdido na infância da memória de uma certa civilização, um homem-símbolo. O seu nome: Mahatma Gandhi, a grande alma, que, através da greve de fome cirurgicamente interpretada e aplicada aos ritmos da sociedade indiana, geriu todo o respirar, todo o sentir de um povo, de dois povos, de dois povos num só povo, num plano emocional, num só espaço político, dentro de uma alma do tamanho do mundo.

Lembro-me ainda e também da periódica abstinência dos muçulmanos, enquanto exemplo de auto- consciência, de autêntica partilha de ideias e afectos não estritamente religiosos.

A moda. A publicidade. O dia- a- dia nas grandes cidades. O stress. Nunca foi tão fácil cair na anorexia: a moda? - Impõe; a publicidade? - Mantém; o dia- a- dia? - Ajuda a esquecer o problema; o stress? - Indica que tudo está bem.

O ritmo; os ritmos mantêm-se. A alimentação tornou-se um fluxo de informação (mais um...). O corpo está demasiado magro? “- É dos teus olhos...” ; o corpo está demasiado gordo? “- É passageiro...”

Este é o tempo dos pequenos momentos criativos:

- Atravessar a passadeira na diagonal;
- Buzinar um pouco mais do que o “vizinho” do carro da frente;
- Quase atropelar o cidadão que se julga protegido na passadeira, apenas para o colocar no seu lugar e banalizar a sensação de perigo;
- Cuspir para o chão;
- Mentir sobre a experiência de trabalho no Currículo;
- Lançar boatos maldosos do colega de trabalho para ficar com o seu lugar ou a sua promoção.

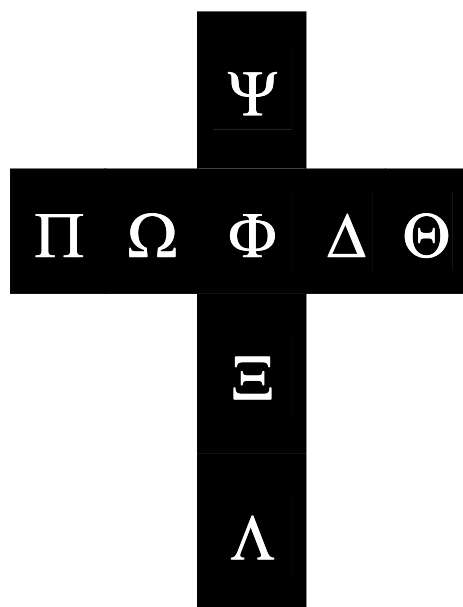
E este é o nosso mundo. Pequeno, habitado por pequenas almas, que se levantam cedo, vão para o detestado e repetitivo e medíocre emprego, e regressam a casa cheias de azedume e impaciência, para “descarregar” nos filhos, ou em alguém que “apanhem a jeito”.

É que... há que entender isto: o nosso corpo é o único porto de abrigo: ele é, a última fronteira, o último reduto do desespero bem educado do homem moderno; sem a beleza estética de um Picasso fase azul, ou de um pastel de Degas; não há espaço neste Tempo para o respirar autêntico de um autêntico ser humano (com H grande).

Paul Klee dizia que, quanto mais caótica é a sociedade, mais abstractos se tornam os seus artistas. É bom compreender que as “profecias” dos artistas duram para sempre...

O nosso corpo é, para o bem e para o mal, o ponto de exclamação que as nossas pobres nobres vidas colocam no fim de uma única e última pergunta:

“- Quem sou eu! (?)”



>>> (Portugal ...

dos pequeninos ...) <<<

